

TEKO MBARAETERÃ

FORTALECENDO NOSSO
VERDADEIRO MODO DE SER



COMUNIDADES
GUARANI MBYA



TEKO MBARAETERÃ FORTALECENDO NOSSO VERDADEIRO MODO DE SER

COMUNIDADES
GUARANI MBYA



TEKO MBARAETERÃ

FORTALECENDO NOSSO
VERDADEIRO MODO DE SER

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

Maria Inês Ladeira e Adriana Felipim

DEPOIMENTOS E DESENHOS

Lideranças Guarani

FOTOGRAFIAS

Maria Inês Ladeira, Adriana Felipim e Roberto Ulisses Resende

PROJETO GRÁFICO

Renata Alves de Souza

REALIZAÇÃO

COMUNIDADES
GUARANI MBYA



Projeto
CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E
SUBSISTÊNCIA DO POVO GUARANI
COORDENAÇÃO Maria Inês Ladeira

APOIO AO PROJETO E À PUBLICAÇÃO



União Europeia

HORIZONT
3000



Dka Austria
Dreikönigsaktion der Katholischen Jungschar

Cooperação Austríaca
para o Desenvolvimento

T E K O
MBARAETERÃ
FORTALECENDO NOSSO
VERDADEIRO MODO DE SER

2005

**EXPERIÊNCIA DO TRABALHO das comunidades Guarani
e do Centro de Trabalho Indigenista - CTI**



ÍNDICE

6 APRESENTAÇÃO

12 CONHECENDO UM POUCO AS **ALDEIAS** E O MODO QUE CADA COMUNIDADE TRABALHOU NO **PROJETO**

26 As **ROÇAS**

32 PLANTANDO **FRUTAS**, PLANTANDO **CAFÉ**, PLANTANDO **ERVA-MATE**

36 PLANTANDO **PINDO ETE**

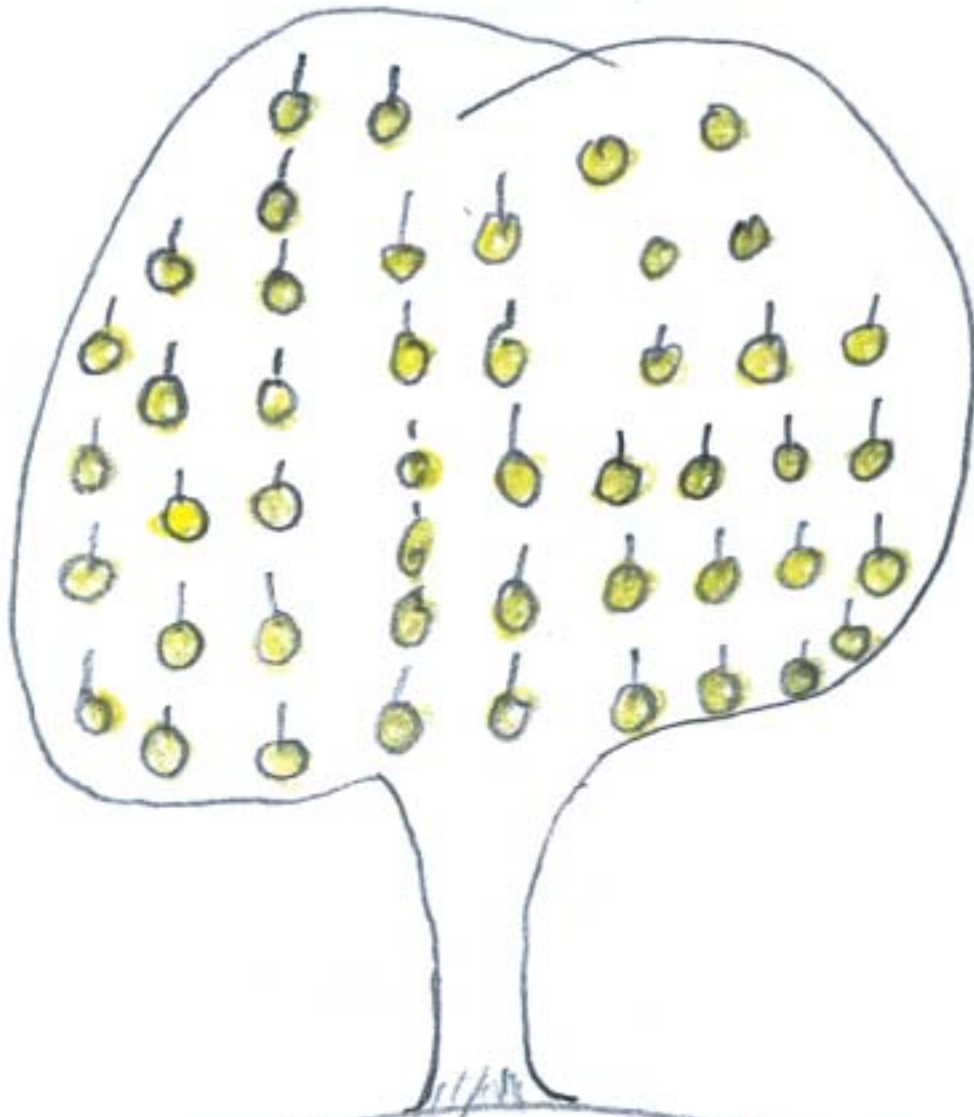
38 PLANTANDO **JEJY**

42 O QUE FAZER PARA NÃO ACABAR COM OS **RECURSOS NATURAIS** DA ALDEIA

46 CRIAÇÃO DE **AVES**

50 Nossos **PARCEIROS** NA REGIÃO

APRESENTA



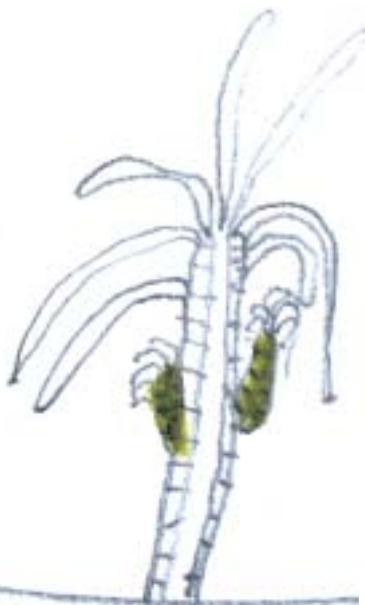
AÇÃO

Este livro conta um pouco dos trabalhos realizados pelas comunidades Guarani e o Centro de Trabalho Indigenista (CTI) através do Projeto “CONSERVAÇÃO AMBIENTAL DE TERRAS E SUBSISTÊNCIA DO POVO GUARANI” que foi realizado entre os anos de 1996 e 2004.

Nós, do CTI, organizamos as informações para este livro, mas quem contou sobre o Projeto foram as lideranças das comunidades.

Queremos dizer que ficamos muito felizes de ver que esse trabalho deu e continuará dando bons frutos.

Para aqueles que são jovens ou que não conheceram o trabalho do CTI, vamos primeiro contar quando e por que foi criado o CTI e um pouco do trabalho com os Guarani. E vamos também falar das organizações que apoiaram este Projeto.



O Centro de Trabalho Indigenista (CTI) é uma Ong – Organização não-governamental (não é do governo) leiga (quer dizer que não está ligada à nenhuma Igreja ou religião). O CTI foi fundado em março de 1979.

Na época em que o CTI foi criado, a situação era muito difícil. Era o período da ditadura militar e os militares que governavam o Brasil proibiam a liberdade de expressão. Então, não se podia dizer ou escrever as opiniões contrárias ao governo. Nessa época de ditadura, qualquer ação social junto aos mais necessitados podia ser reprimida com prisões, torturas e até mesmo mortes. Na verdade, os militares tomaram o poder com a força do exército em março de 1964, com medo de que o povo brasileiro organizado conseguisse mudar o sistema de governo.

A ditadura militar durou mais de 20 anos e nesse período não havia eleições e os presidentes do Brasil foram todos militares. Em 1985 foi escolhido um presidente civil para governar o período de transição da ditadura para a democracia (esse presidente era Tancredo Neves que morreu sem assumir a presidência, que foi passada para José Sarney). A Constituição Federal (CF) de 1988 é que marca o início da democracia. Mas essa é uma história muito mais comprida que não vai caber aqui nesse papel, como nenhuma história cabe só no papel.

Foi durante a ditadura militar, em 1967, que a Funai – Fundação Nacional do Índio foi criada, substituindo o Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Na década de 1970 - 1980 a política indigenista do governo militar era uma “política de integração” (adaptar os índios ao modo de vida e à

sociedade dos brancos) e as Terras Indígenas (TI) deviam ser produtivas e gerar recursos para o país. Em 1979 a repressão começou a diminuir, e a sociedade civil (sociedade organizada não militar) começou a fundar entidades para apoiar ou desenvolver ações para melhorar a situação da população brasileira em educação, saúde, meio ambiente, atender índios e comunidades carentes etc. Nessa época, alguns de nós, os mais velhos que fundaram formalmente o CTI em março de 1979, já fazíamos alguns trabalhos ou estudos com comunidades indígenas. Estávamos preocupados com a política indigenista e queríamos desenvolver projetos que respeitassem o sistema dos índios (e não o dos brancos) para atender as necessidades que os próprios índios falavam. Também havia muitas injustiças e ignorância sobre a situação dos povos indígenas. Por exemplo, o Governo não reconhecia o direito dos índios Guarani sobre a maioria das áreas que ocupavam, beneficiando sempre os proprietários e outros interesses.

Os primeiros projetos realizados pelo CTI, entre os anos de 1979 e 1980, foram com comunidades dos índios Krahô no Estado do Maranhão (projeto agrícola) e com os Guarani na cidade de São Paulo (educação e saúde). Hoje o CTI atua junto aos povos indígenas Timbira (nos Estados de Tocantins e Maranhão reunindo os Krahô, Krikati, Gavião, entre outros), Guarani (no litoral sul/sudeste), Kaiova e Terena (no Mato Grosso do Sul) e, através de convênio com a Funai (CGII – Coordenação Geral dos Índios Isolados), em algumas áreas indígenas na Amazônia.

Nas décadas de 1970 e 1980, as invasões e as propriedades dos brancos na Mata Atlântica do litoral aumentavam e as cidades cresciam, pois essa região foi muito valorizada (valor de dinheiro) depois

da construção de novas estradas. Por isso, em 1980 o CTI começou a fazer projetos de apoio agrícola, plantação de árvores frutíferas e de proteção e regularização das terras dos Guarani no litoral sudeste (São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Espírito Santo-ES). Para realizar esses trabalhos o CTI elaborou projetos para Instituições de países da Europa (Alemanha, Holanda, Áustria e Noruega) que foram os primeiros e principais aliados. E depois, sempre que foi necessário garantir o direito dos Guarani às suas terras, procuramos atuar em conjunto com as instituições do governo responsáveis pelas questões indígenas, como Funai, Ministério Público Federal (MPF), Secretarias Estaduais etc.

Em 1980, o Projeto Guarani do CTI se concentrou no apoio às atividades agrícolas e na defesa das terras Guarani. Maria Inês Ladeira acompanhava o trabalho nas aldeias de São Paulo (Barragem, Krukutu, Mboi Mirim, Jaraguá, Rio Branco, Itariri, Rio Silveira, Boa Vista) e Lilia Valle na aldeia Boa Esperança no Espírito Santo. E as duas trabalharam nas aldeias do Rio de Janeiro (Araponga e Bracui). Lilia ficou no Projeto até 1984.

Nessa época não existiam outros projetos nessas comunidades. Então, tudo era muito conversado porque “projeto” era uma palavra nova. A palavra Projeto significava para as comunidades “chegada de dinheiro”. E como haviam muitas necessidades, alguns queriam usar a verba individualmente para pagar contas, visitar parentes, etc. Foi preciso um trabalho bem unido e participativo nas aldeias para que o sentido de projeto fosse entendido como um trabalho coletivo, de todos, e voltado para toda a comunidade. Porque a palavra

“projeto” também tem um significado de futuro e, se for bem realizado, produz frutos para sempre!

Em 1985 Marisa Ricardo começou a acompanhar o trabalho nas aldeias Araponga, Bracui, Boa Vista e, depois, na luta pela Terra Indígena de Parati Mirim. Marisa foi uma pessoa muito importante e querida nas aldeias do Rio de Janeiro. Marisa faleceu em 1996.

Também participou do Projeto Guarani do CTI a Maria Ignez Maricondi que fez levantamentos das áreas de aldeias de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina, de 1990 até 1994, e colaborou nas ações do projeto nas aldeias de Cananéia (Ilha do Cardoso e Takuari) e Guaraqueçaba (Pescada).

Por ser uma organização não-governamental, o CTI sempre depende de projetos para desenvolver seu trabalho. Assim, os projetos iam começando e acabando. Os recursos não eram muitos e o CTI ia sempre atuando nas aldeias onde a situação da terra era mais difícil. Assim podíamos estar mais perto das aldeias e os Guarani também se sentiam mais animados para agüentar as dificuldades da falta de terras e do reconhecimento dos seus direitos por parte do jurua.

O principal trabalho do CTI com o povo Guarani era conseguir o reconhecimento e a regularização das Terras Guarani, principalmente no litoral sudeste e sul. Para isso era necessário fazer levantamentos, encaminhar as demandas à Funai e participar de Identificações das Terras Indígenas. Mas conhecemos e apoiamos comunidades Guarani em várias regiões, inclusive a comunidade Guarani que vive no Estado do Pará liderada por Seu Raimundo (que já faleceu) e seu filho João Guarani.

Em 1995 as entidades da Áustria, que já apoiavam o CTI, nos incentivaram a fazer um projeto maior para os Guarani para ser apresentado à União Européia (UE). Então apresentamos o projeto chamado “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani”. O apoio financeiro e político para este Projeto veio da DKA, da KFS e H3000, do governo da Áustria e da União Européia.

A DKA / Movimento de Jovens Católicos da Áustria tem como objetivo despertar nos jovens o sentimento humanitário para um mundo mais justo. E realizam campanhas para as comunidades necessitadas de países onde existe muita pobreza, como o Brasil e outros países do mundo (na África, na Ásia, na América Latina). Na época das festas de Natal (quando os cristãos comemoram o nascimento de Jesus) corais de crianças se apresentam nas portas das casas e depois pedem e recebem dinheiro para ser doado às comunidades através de projetos. Como são muitas crianças (mais de setenta mil) e não há pobreza naquele país, eles conseguem ajudar muita gente, inclusive os Guarani.

A KFS – Escritório de Co-financiamento para a Cooperação ao Desenvolvimento tinha como função auxiliar e avaliar os pedidos de projeto ao governo Austríaco e à União Européia, se responsabilizando por todo o acompanhamento dos projetos aprovados. Em janeiro de 2001 uma nova organização foi criada, a Horizont3000 – H3000 que reuniu a KFS e seu pessoal a outras organizações, e continuou o trabalho da KFS com o Projeto Guarani do CTI.

A União Européia – UE é um bloco econômico, político e social formado por 25 países da Europa. Além de seu compromisso em promover a unidade política e econômica da Europa, a UE tem como objetivos “reduzir as desigualdades sociais e econômicas entre as regiões” e “fomentar o desenvolvimento econômico em países em fase de crescimento”. O apoio financeiro da UE foi fundamental para o Projeto.

Estas organizações reunidas fizeram um convênio com o CTI para realização do Projeto “Conservação ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani” no período de 1996 até 1999. Depois o Projeto foi renovado no período de 2000 até 2004.

Quando o projeto foi escrito por Maria Inês em 1995 a preocupação era com as aldeias da Ilha do Cardoso e Rio Branquinho, em Cananéia, e com famílias que procuravam lugares na região do Vale do Ribeira, seguindo orientação das lideranças espirituais. Também havia preocupação com as aldeias do Aguapeú (Município de Mongaguá - SP) e de Parati Mirim (RJ), que, apesar de demarcadas, continuavam a ter problemas com posseiros dentro de suas terras. Assim, o Vale do Ribeira e o litoral sul do Estado de São Paulo e o litoral do Estado do Rio de Janeiro eram regiões onde os Guarani sofriam (e ainda sofrem!) pressões e muitas coisas ainda iam acontecer.

O Projeto “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani”, como o nome diz, tinha como objetivo melhorar o ambiente e a qualidade de vida nas aldeias. Para isso estava previsto a recuperação de áreas com o plantio de árvores nativas e frutíferas, o apoio à agricultura tradicional e à criação de aves para alimento da comunidade. Também era necessário fazer levantamentos sobre as condições do solo, das águas, das plantas. Tudo isso devia ser feito respeitando os costumes e o conhecimento dos Guarani e a organização de cada aldeia. Outro objetivo era reforçar a união dos Guarani, através de encontros e mutirões. Este Projeto só poderia existir com a participação das comunidades em todas as atividades, inclusive gerenciando os recursos destinados à cada aldeia.

Neste Projeto Maria Inês (coordenadora) pedia a participação de um agrônomo para acompanhar bem de perto as atividades de plantio e aprender um pouco do sistema dos Guarani. Ricardo Russo trabalhou no ano de 1996, nas aldeias da Ilha do Cardoso, Rio Branquinho, Aguapeú, Parati Mirim e Araponga. Em 1997 Adriana Felipim passou a trabalhar no CTI, participando de todas as fases do Projeto, até 2004.

O Projeto apoiou com recursos as aldeias de Parati Mirim e Araponga (Estado do Rio de Janeiro) até o início de 1999. Nessa data, os posseiros desocuparam a área de Parati Mirim e as aldeias do Rio de Janeiro receberam ajuda de um projeto do Governo. Então, o apoio do Projeto “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani” se concentrou na aldeia do Aguapeú e nas aldeias do Vale do Ribeira. As áreas dessas aldeias não estão regularizadas e as comunidades ainda vivem várias pressões, dificuldades e mudanças. Trabalhando com continuidade até 2004, pudemos acompanhar a formação de novas aldeias e todos os movimentos que aconteceram na região do Vale do Ribeira. Assim, o Projeto procurou acompanhar e respeitar a dinâmica social e a política dos grupos familiares. E isso foi um grande aprendizado.

No período de 1996 à 2004, as comunidades Guarani que trabalharam no Projeto conheceram outras pessoas que, através do CTI, realizaram trabalhos em aldeias Guarani do litoral. São elas: Maria Bernadette, Claudia, Dafran, Fábio, Priscila, Taciana e Thiago. Hoje, o Projeto “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani” terminou, mas o CTI continua realizando ações com os Guarani e buscando novos projetos e apoios.

Todas as comunidades que participaram do Projeto trabalharam muito para melhorar o ambiente das aldeias e a vida das famílias Guarani. Houve muita dedicação nas atividades das roças, no plantio de frutas, de erva-mate, de palmito juçara, de pindo etc, na criação de aves, na construção e reforma das casas de rezas (Opy) e muito mais.

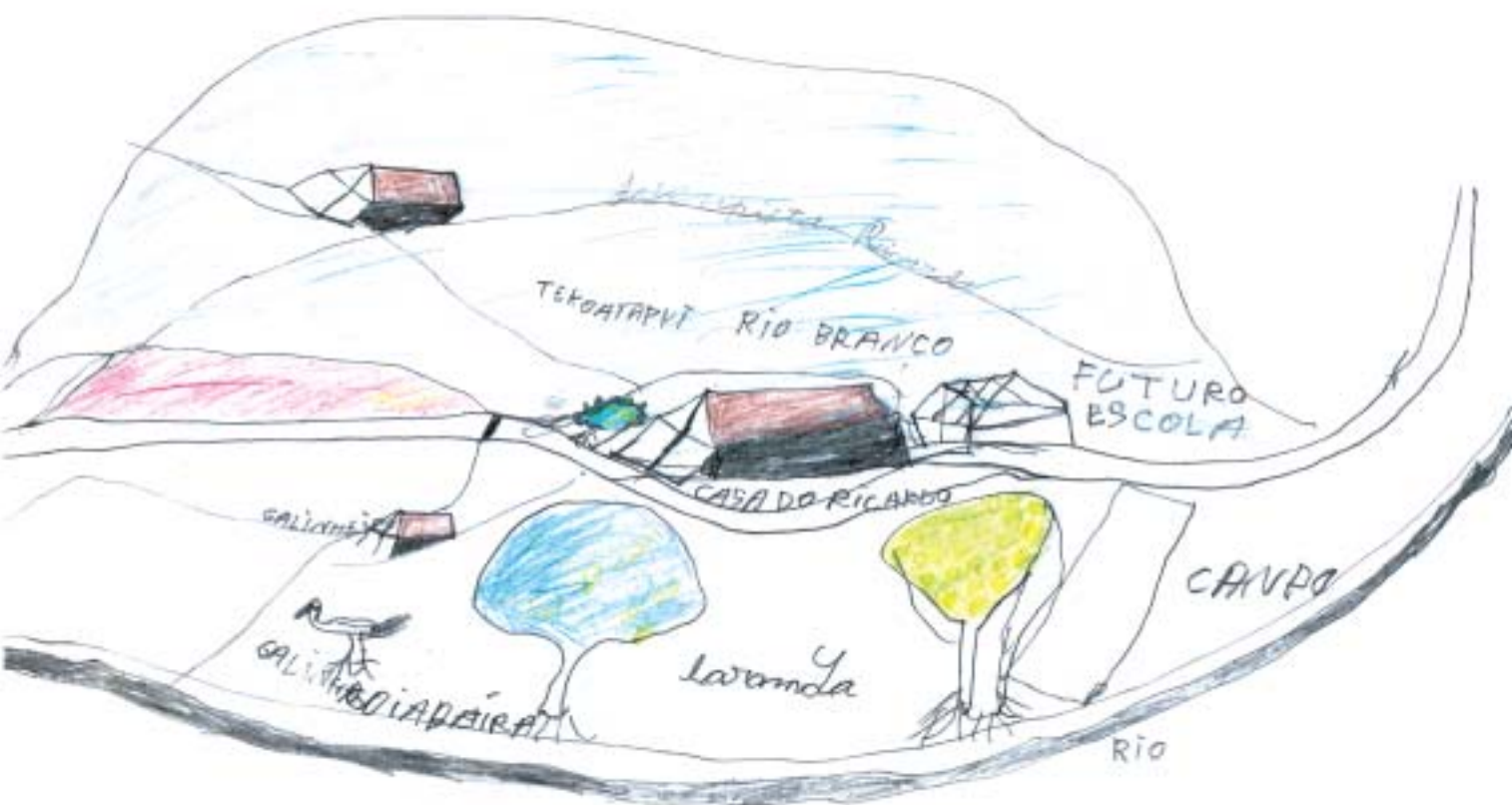
Neste livro as lideranças Guarani vão contar um pouco da experiência do Projeto “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani”.

Porã etc !

Maria Inês e Adriana
Centro de Trabalho Indigenista



CONHECENDO UM POUCO AS **ALDEIAS** E O MODO QUE CADA COMUNIDADE TRABALHOU NO **PROJETO**



Aldeia de Araponga

BAIRRO PATRIMÔNIO, MUNICÍPIO DE PARATI (RJ)



MARIA INÊS LADERA

Alcebiádes Vera Mirim, que era conhecido também pelo nome de Alcides, foi o antigo cacique da aldeia de Araponga. Quando seu Alcebiádes faleceu em 1993, Agostinho da Silva assumiu a liderança da aldeia e até hoje continua como cacique. Em julho de 1993, a área de 213,20 hectares da aldeia de Araponga foi homologada (o Presidente da República assina um decreto reconhecendo definitivamente a Terra Indígena). A comunidade Guarani está pedindo ampliação da área.

“Na minha aldeia eu não quero ensinar as crianças a só comer a comida do branco. Isso eu não quero. Eu quero que eles aprendam a ler mas não quero que aprendam a dançar baile e a jogar bola, isso eu não quero. Então eu quero ver se a criança aprende a plantar bastante batata-doce, mandioca, ver se aprende a carpir, roçar capoeira, então isso aí que eu quero”
(Cacique Agostinho da Silva).

Aldeia de Parati Mirim/Tekoa Itatĩ

BAIRRO PARATI MIRIM, MUNICÍPIO DE PARATI (RJ)



ADRIANA FELIPIIM

Essa aldeia tem uma história muito antiga. Na década de 1950-1960 Dona Maria Carvalho Tataxí (mãe de Dona Aurora e João Carvalho) e seus familiares vieram caminhando do sul do Brasil para encontrar lugares antigos, onde viveram os antepassados. Passaram por muitas aldeias até encontrar Parati Mirim onde ficaram até 1967. Depois passaram por outros lugares até chegar, em 1976, no lugar que chamaram Aldeia Nova Boa Esperança (ES) onde estão até hoje com seus descendentes. Depois disso alguns caciques e lideranças de outras aldeias foram visitar Parati Mirim, mas outras pessoas (jurua) já usavam a área. Eles chamavam o lugar de “Pedra do Índio” e o “Morro do Índio”. Em 1990, a família de Seu Miguel Benites ficou acampada em Parati e na aldeia de Araponga, pedindo apoio para ocupar a aldeia de Parati Mirim. Em 1992 a Funai e o CTI fizeram a Identificação das aldeias do Estado do Rio de Janeiro (Parati Mirim, Araponga, Bracui) e de Aguapeú (SP). Com isso as famílias chefiadas pelo cacique Miguel Benites puderam viver na aldeia de Parati Mirim onde estão até hoje.

A área de 79,2 hectares da aldeia foi Homologada em janeiro de 1996, mas até 1999 teve problemas com posseiros que foram morar dentro da área, reivindicando maior indenização. A comunidade Guarani está pedindo ampliação dos limites demarcados para incluir as áreas que estão usando nas suas atividades tradicionais.

“Eu vou falar um pouco sobre o nosso trabalho quando nós começamos entrar aqui em Parati Mirim, que foi trabalhado eu e meu filho Roque. Foi um trabalho com muito sacrifício e um trabalho assim, perigoso, assim, dos posseiros. Mas a ajuda nossa vem de Nhanderu que ajudou bastante e não aconteceu nada. E a minha família entrou junto, entramos juntos, quatro famílias, para começar a trabalhar para levantar nossa aldeia. E, também logo que nós entramos os meus filhos já começaram a roçar um pedacinho para nós plantar, porque já tinha nosso próprio milho. Então eles fizeram esse roçadinho e começaram a descoivarar, sem queimar, de medo dos posseiros. E plantamos nosso milho. Aí foi o começo do nosso serviço. Ficamos um mês, dois meses sem casa, tinha uma lona para nós morar em baixo, logo no começo. E por aí fomos trabalhando devagarzinho, plantando algumas coisas para nós comer, com a minha família, e, logo, também, fizemos outros trabalhos para plantar frutas assim, pensando em plantar fruta. E, então, no começo nós tiramos as mudas de frutas e depois, pegamos da mata alguns pés de laranja, pé de tangerina, então, começamos a plantar aos pouquinhos. Depois, entrou uma ajuda, depois, logo, logo, entrou uma ajuda do CTI. Entrou projetos para nós, assim de plantio de frutas, por exemplo: coco, manga, mexerica, lima, limão, palmito, pupunha, açaí e coco também. Então esse foi o começo do nosso plantio. E agora essas plantas estão bonitas e estão no ponto. As frutas que a gente come já estão quase dando para a gente gastar. Mexerica, laranja bem carregada, esse ano carregou bastante, bastante. E está bonito, então por tudo isso eu fico muito alegre desse projeto que é muito importante para nós hoje em dia” (Cacique Miguel Benites).

Aldeia do Aguapeú

BAIRRO JARDIM VERA CRUZ, MUNICÍPIO DE MONGAGUÁ (SP)



MARIA INÊS LADEIRA

Os Guarani contam das famílias que há mais de cem anos moravam nessa aldeia. Em 1935, durante o Governo do Presidente Getúlio Vargas, foram fazer uma viagem de navio junto com famílias de outras aldeias. O navio parou em Porto Seguro (na Bahia) e os Guarani foram voltando para o sul e parando em alguns lugares.

Essa história foi contada pelos mais velhos - Seu José Bonifácio e Dona Maria Bertolina, e Dona Helena Papaju e Jandira (cacique da aldeia do Jaraguá) que viviam na aldeia do Aguapeú.

Quando as famílias voltaram para Aguapeú, o cacique Aníbal faleceu e as famílias ficaram vivendo na aldeia do Rio Branco de Itanhaém. Depois disso a área da aldeia do Aguapeú foi ocupada por posseiros. Em 1964, Dona Helena Papaju, que era esposa do seu Argemiro da Silva, foi morar na aldeia da Barragem em São Paulo. Ela sempre lembrava da aldeia do Aguapeú. Durante muito tempo, os Guarani que eram parentes da Papaju visitavam o lugar querendo ficar e acampavam embaixo da pedra grande perto do Rio Aguapeú. Um dia, em 1989, Seu Valdomiro juntou toda a família e conseguiu erguer de novo a aldeia. Papaju voltou a viver na aldeia do Aguapeú onde faleceu. Nessa época o CTI ajudou a reconstruir a aldeia. Hoje, o cacique da aldeia Aguapeú é Davi da Silva, filho do Seu Valdomiro.

A área de 4.372,26 hectares foi identificada em 1993 e Homologada em 1998, mas até hoje, a comunidade tem problemas com posseiros dentro da Terra Indígena.

“Nós achamos o Projeto bom porque o CTI trabalha de acordo com a vontade, de acordo com o entendimento dos próprios índios. Acho muito bom o trabalho que vem acontecendo. Nós precisamos muito desse apoio para a gente estar se mantendo. Porque antes do índio ter contato com os brancos era diferente. Os índios se mantinham sem apoio. Depois que tivemos contato, tudo mudou. Acho que sempre vai ter que ter um apoio para as aldeias continuarem se mantendo. Tem que ter um apoio para criar alguma coisa, para plantar alguma coisa para deixar para comunidade e para as crianças que vão precisar futuramente. Coisas que podem servir para eles, sem estar deixando a cultura, sem que eles percam os costumes. Então esse apoio é importante. Através desse apoio a gente está mantendo o que é nosso também.

No Aguapeú, o trabalho que a gente fez com o apoio do Projeto não vai sumir. Aquilo que a gente faz fica para todas as pessoas que moram agora na aldeia e também para aquelas que vão morar no futuro. Então eu acho que tudo que foi feito não foi em vão. Todos vão aproveitar o que a gente fez, o que a gente plantou e deixou “ (Libório da Silva).

Aldeia da Ilha Do Cardoso – Yvyty Parapaũ

ILHA DO CARDOSO, MUNICÍPIO DE CANANÉIA (SP)



ROBERTO UJESSE RESENDE



A Ilha do Cardoso é bem grande, tem 22.500 hectares, com muita mata, muita água e muitos bichos. Nesta ilha também vivem algumas famílias de pescadores, que não são indígenas, conhecidas na região como “caiçaras”.

A aldeia não está demarcada, mas durante o período do Projeto os Guarani identificaram as áreas que usam na Ilha do Cardoso. Em 1999 foi criado um Grupo de Trabalho Interinstitucional formado por representantes da Comunidade Guarani, do CTI, da Funai, do Instituto Florestal (IF) e do MPF – Ministério Público Federal. Este GTI - Grupo de Trabalho Interinstitucional realizou reuniões até o final de 2003 para acompanhar e discutir ações que envolviam a comunidade indígena e o meio ambiente.

A aldeia Yvyty Parapa7 (Ilha do Cardoso) e também as aldeias Araponga, Aguapeu, Jureia, Peguaoty - além de outras aldeias situadas no litoral de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - estão em áreas onde foram criados Parques e Estações Ecológicas.

Parque e Estação Ecológica são Unidades de Conservação Ambiental criadas pelo jurua, que não aceitam moradores, mesmo tendo populações tradicionais vivendo há muito tempo no lugar. Somente na Ilha do Cardoso foi formado o GTI (Grupo de Trabalho Interinstitucional) para conciliar a presença indígena e os interesses do Parque.

A família de Marcílio Karaí foi morar na Ilha do Cardoso no ano de 1992. Antes de ir morar na Ilha do Cardoso morava com a família na Ilha das Peças em Guaraqueçaba, Estado do Paraná. Até hoje Marcílio é cacique da aldeia.

“Aqui na Ilha, primeiramente a gente une todas as pessoas e aí vê qual é a primeira coisa que a gente precisa fazer, o que a gente precisa comprar para poder trabalhar, plantar, para poder roçar, para poder limpar qualquer plantação. A gente explica para todo mundo como é que a gente vai fazer com esse dinheiro do Projeto. Então, a comunidade tem que decidir. Se a comunidade falar assim: Vamos comprar foice. Aí tudo bem, a gente pergunta para cada um: – quem quer foice? – Com a criação de galinha é a mesma coisa” (Serginho).

Aldeia Rio Branquinho de Cananéia

BAIRRO RIO BRANCO, MUNICÍPIO DE CANANÉIA (SP)



ADRIANA FELIPIM

Foi a família de Seu Benito que primeiro morou na aldeia Rio Branquinho. Isto foi no ano de 1995. Depois do Seu Benito muitas outras famílias chegaram a morar na aldeia Rio Branquinho: a família do Seu Marcelino (que hoje mora no Rio Branco de Itanhaém), a família do Arlindo e do Seu Clemente (Seu Clemente hoje mora na Ilha do Cardoso) e, por último, a família do Seu Hermenegildo (que hoje vive na aldeia Ambá Porã – Santa Rita). O atual Cacique da aldeia Rio Branquinho é o Paulo Cavanha que é casado com a filha de Seu Hermenegildo.

“Da nossa parte, aqui na aldeia Rio Branquinho, para a gente decidir o que vai comprar com esse dinheiro que está no Projeto, a gente faz uma reunião na comunidade e a comunidade decide o que vai querer e o que vai fazer. O cacique sozinho não pode dizer o que vai comprar. Ele vai sugerir, mas a comunidade é que vai apoiar ou não. Por exemplo, aqui, o Paulo cacique diz assim: a gente vai comprar mantimento para trabalhar na melhoria da estrada. Aí a comunidade é que vai decidir. Se a comunidade disser assim: – não, agora a gente vai fazer essa compra para trabalhar na construção de mais casas – aí o cacique tem que aceitar, concordar (...).

Aqui a comunidade é pouca, mas mesmo assim, o cacique não pode resolver as coisas sozinho. Para decidir sobre a plantação, as mudas, as sementes também é assim. O cacique faz a reunião e pergunta quem vai querer plantar o que e como é que vai plantar. Aí a comunidade vai dizer: – eu vou plantar milho, 2 kg de milho eu vou plantar nessa área. – E quem vai plantar feijão? Aí o plantador do feijão diz: – eu vou plantar 1 kg ou 2 kg de feijão nessa área. O plantador é quem vai saber. Para fazer o cálculo também precisa da decisão do plantador. Por exemplo, eu sou plantador e o cacique da minha aldeia decide sozinho que vai fazer uma compra para mim de 5 kg de semente de feijão e 5k de semente de milho. Isso o cacique decide só para mim, para 1 só plantador. Aí eu falo para o Cacique: – eu não vou dar conta sozinho de plantar tudo isto, você comprou semente demais para uma só pessoa. Por isso que é importante o cacique ouvir as pessoas da comunidade, antes de decidir as coisas. Para não errar. Com as ferramentas para a plantação também é assim. O plantador é que vai ver de que ferramentas ele vai precisar e quanto vai precisar: quantas foices, facão, enxada. Para criação de galinha também é assim. Cada família vai decidir quanto de galinha vai criar. A família vai preparar galinheiro e vai ver quanto de galinha vai caber neste galinheiro e aí vai dizer para o cacique: – eu vou querer 10 galinhas. E outro vai querer só cinco. Depende do criador” (Saulo, liderança do Rio Branquinho).

Aldeia Pindoty

VILA CLEMENTINA, MUNICÍPIO DE PARIQUERA-AÇU (SP)



MARIA INÊS LADEIRA

A aldeia Pindoty foi formada no ano de 1998 por famílias que moravam na aldeia Rio Branco de Itanhaém. Lideradas por Ângelo Silveira, essas famílias ficaram acampadas muitos meses nessa região, até conseguir esse lugar. O cacique atual da aldeia é o Renato.

“Aqui na aldeia Pindoty, a gente faz um trabalho coletivo... todo mundo participa: criança, adulto. Então, para a gente trabalhar, a gente primeiro faz uma reunião com a comunidade para ver o que vai plantar a cada ano. Quando chega a época de plantação, aí a gente pergunta para cada família o que ela prefere plantar: feijão, arroz, milho do jurua... Então a gente se reúne para fazer um plano de trabalho para a semana, para ver o que primeiro a gente vai fazer.

A roça a gente faz para cada família. Porque a gente não tem plantação da comunidade. Para cada família a gente limpa um terreno, aí deixa tudo limpo e aí cada família vai plantar o que quiser plantar. Aí quando a gente colhe, aí colhe todo mundo. E a gente reparte. Por exemplo: alguém plantou mais milho, então a gente distribui. Feijão... a gente planta e distribui se deu bem a produção. Então o nosso plano de trabalho é assim. Já o milho tradicional fica com os mais velhos. Essa parte a gente só limpa a área e deixa que eles plantem avaxi etei. O milho dos brancos, do jurua, qualquer pessoa pode plantar, porque é um tipo de milho que só depende de escolher o lugar para plantar. Dependendo do lugar ele nasce bem e dá bem. Já o nosso milho tradicional é diferente. Ele depende também da pessoa que planta, depende dos mais velhos. E por que é que nós, jovens, não plantamos? Porque esse milho tradicional tem que ser plantado por uma pessoa que é bem respeitada. A pessoa tem que ter um comportamento bom. Esse milho é muito sagrado então não pode ser plantado por qualquer pessoa. Para o jovem é mais difícil. De repente a gente pode plantar e esquecer... Os mais velhos não. Eles plantam e vão duas vezes por semana ver a planta. E mesmo quando ele não vai lá no lugar, ele tem no pensamento e fica pensando para a planta nascer bem, para colher bem, para dar para todo mundo de novo. Então tem essa responsabilidade dos mais velhos. Já o milho do branco, o feijão do branco que a gente planta, todo mundo planta porque esse já é do jurua... não é nosso. Então, nesse caso o trabalho a gente faz coletivo, nesse caso, tudo em mutirão” (Cacique Renato karaí Mirim – Pindoty)

Aldeia Peguaoty

BAIRRO SAIBADELA, MUNICÍPIO DE SETE BARRAS (SP)



MARIA INÊS LADEIRA

No final do ano de 1999, Ailton e sua família (sogros e cunhados) formaram a aldeia. No ano de 2001, algumas famílias que viviam na aldeia de Bracui (RJ) chegaram no Vale do Ribeira chefiadas por Luiz Eusébio e foram morar na aldeia Peguaoty. O cacique Ailton e seus familiares deixaram Peguaoty em 2002. Luiz Euzébio ficou na aldeia e até hoje é o cacique. A aldeia Peguaoty também tem muita mata, muita água, muitos bichos e terra boa para fazer roça. Nesta área foi criado o Parque Estadual de Intervales e a Fundação Florestal, que administra o Parque, entrou com uma ação judicial contra a presença da comunidade Indígena.

“A forma de trabalho aqui na aldeia Peguaoty é assim: nós nos reunimos para falar dos recursos do Projeto e, para poder gastar, a gente conversa com a comunidade. A gente decide no que vai gastar e ao mesmo tempo decide como fazer um trabalho que daqui algum tempo vai dar resultado. Já fizemos plantação de laranja, jabuticaba, palmito. No ano de 2003 investimos mais na casa de reza porque para nós a Opy é muito importante. A força maior do Guarani é a casa de reza. Depois vem saúde, alimentação, projeto lá de fora. O Deus dá a força para nós e para as pessoas que caminham com o nosso Projeto. Então é muito importante a casa de reza. E é importante a gente se reunir. O cacique, para dar conta da comunidade, tem que se reunir. Tem que ter um dia de reunião sempre, para poder falar do que é importante, o que é que temos que fazer na aldeia, tudo isso. A criança já participa da reunião e entende, e as mulheres também...”

Projeto de verdade, para nós é isso (mostra as plantações). É ter condições de realizar o nosso próprio trabalho e poder, nós mesmos, ver o resultado na nossa aldeia mesmo. E é para todos: crianças, homens, mulheres...” (Cacique Luiz Euzébio).

Aldeia Uruity

BAIRRO MUSÁCEA, MUNICÍPIO DE MIRACATU (SP)



MARIA INÊS LADEIRA

A aldeia de Uruity foi formada pela família de Lídio no início de 2001. Antes de fundar a aldeia Uruity, a família de Lídio vivia na aldeia de Pindoty (Pariquera-Açu).

“Nosso trabalho é assim: quando nós precisamos fazer alguma coisa, por exemplo roça, aí junta toda a comunidade para trabalhar e para escolher. Tipo assim: com o milho do jurua nós fazemos uma roça para toda a comunidade mesmo. Aí saiu a roça, e a gente junta todo mundo de novo para dividir o que deu para cada família. Agora, para a planta Guarani como avaxi etei, aí cada um é que planta. Cada família já faz assim sua roça e suas comidas tradicionais: mbojapé, avaxi kuí, é assim que faz. No projeto a gente faz assim... Hoje aqui em Uruity a gente se reúne um dia, aí perguntamos o que é que cada família precisa mais. Aí anotamos tudo. A gente vai e faz reunião, aí a gente vai resolvendo” (Cacique Lídio - Miracatu).

As ROÇAS



AVATI ETEI'



AVA TIE TEI'



Mandioca

Casa do roça: OPY'i





MARIA INÊS LADEIRA

O Projeto apoiava as roças de duas maneiras:

Uma maneira era ajudar a conseguir as plantas do jurua que as famílias Guarani já se acostumaram a plantar nas roças: ramas de mandioca, mudas de cana-de-açúcar, sementes de milho, sementes de feijão, sementes de amendoim, abóbora, melancia.

Outra maneira era apoiar para que as famílias Guarani continuassem sempre cultivando suas plantas verdadeiras como: avaxi etei, jety etei, manduvi etei, mandiô etei, takuare9 avaxi, p9tã etei. Essas plantas não se pode perder.

“A gente tem agricultura bem antes de existir o branco e essa agricultura é passada para gerações e gerações. Os Guarani já tinham essa agricultura. Já sabiam como é que conservava as plantas, como é que colhia, como é que plantava e então foi o Projeto que ajudou nessa parte. Porque a gente resgatou muita semente que a gente tinha perdido e com o Projeto a gente vem mantendo isso para ter continuidade. Então foi uma ajuda para os Guarani, respeitando a tradição da plantação, da criação. A comunidade ganha muito com isso de ver hoje como é que é plantado o milho tradicional avaxi etei, o amendoim, essas coisas. Com esse Projeto a gente viu os mais velhos plantando, colhendo, fazendo batismo. Nós, mais jovens, a gente não via isso há muito tempo. É porque esse milho tradicional não é plantado como o milho do branco.

Ele é tratado, conservado num lugar certo. Não pode ficar num lugar que não tem fogo. Sempre é pendurado em cima do fogo para ter fumaça, aí conserva. Depois é levado na casa de reza para fazer batismo, que é no início da plantação e início do ano novo para nós. Então essas coisas a gente já estava esquecendo. Não é que estava esquecendo, mas modificando a agricultura nossa. Às vezes a gente pensa que essa agricultura não tem valor, que não está ajudando, mas hoje eu consigo ver em toda comunidade que é valioso. Porque tendo essa semente como o Seu Luiz falou, traz vida para as crianças, traz alegria. Para os mais velhos traz assim mais vontade de viver, de estar plantando, colhendo as sementes tradicionais” (Cacique Renato).



No mês de maio de 2004, no último ano do Projeto, 18 representantes das aldeias do Vale do Ribeira (Peguaoty, Pindo, Rio Branquinho, Uruity e Ilha do Cardoso), junto com a equipe do CTI, fizeram uma viagem para algumas aldeias no interior do Paraná e do Paraguai para trazer sementes e mudas de plantas tradicionais dos Guarani. Essa viagem foi realizada com ajuda financeira da Rainforest (quer dizer florestas tropicais) da Noruega, através da RCA – Rede de Cooperação Alternativa, que apoiava intercâmbios entre organizações indígenas.

A visita às aldeias do Paraná e Paraguai contribuiu muito com o Projeto, pois existem muitas variedades de plantas tradicionais nessas aldeias, e foi possível distribuir para as comunidades do Vale do Ribeira para plantar no mesmo ano de 2004.

**Cultivos e mudas de plantas de uso tradicional guarani,
doados aos visitantes do Vale do Ribeira:**

Takuare9 avaxi

Avaxi ju

Avaxi ju guaxu

Avaxi pytã

Avaxi ovy

Avaxi takua

Avaxi pororó 7

Avaxi pororo x5

Avaxi pororo ju

Kumanda yvyã

Kumanda tupi

Kumanda pytã

Kumanda yvyra

Manduvi guaxu pytã

Manduvi guaxu x5

Jety ju

Yakua

Yva7

Kurupay

e outras mais



Sebastião Borges, liderança da Aldeia Água Santa, acompanhou o grupo e, na sua aldeia, recebeu os convidados com as verdadeiras comidas guarani: kaaguyjy, avaxi kui ae manduvi, mbojape ete, e'i, xipa, rore, jejy, canjica. Os visitantes foram recebidos em cada Opy, encontraram parentes e conheceram muitas pessoas.

Aldeias visitadas no Paraná:

Piraquara (Karuguá), Palmeirinha, Rio das Cobras (Tapixi, Água Santa e Pinhal).

MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

Aldeias visitadas no Paraguai:

Paraíso, Manduvi y Uno, Nhu Ovy e Kaatymi.

MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

“Essa viagem, para nós foi muito importante, porque, quando a gente visitou as aldeias do Paraná, a gente viu a realidade diferente de São Paulo, que é uma região com aldeias bem antigas, uma região onde as aldeias têm muitas coisas que a gente não tem aqui. Então nós ganhamos algumas sementes, algum material que são muito importantes para os Guarani. E no Paraguai a gente viu que os Guarani são mais diferente dos que estão aqui no Brasil. A gente viu aldeia muito pequena, uma área que já é dominada por grandes plantações dos brancos (soja), e então os Guarani não tem mais espaço para plantar, para buscar a sobrevivência do recurso natural. Então, tudo isso que a gente viu (...), isso traz mais experiência para nós, para a gente pensar como estar levando essa luta de reconhecimento do nosso direito. (Renato da Silva - Aldeia Pindoty. Avaliação da viagem).

PLANTANDO **FRUTAS**, PLANTANDO **CAFÉ** E **ERVA-MATE**



MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

Plantar frutas nas aldeias é muito importante. Uma aldeia que tem bastante frutas de diferentes tipos pode ter esse alimento durante o ano todo. Com plantas como a erva-mate, o café e outras também é a mesma coisa. Se produzir todos esses tipos de plantas na aldeia a comunidade não vai precisar sair para fora para buscar essa alimentação.

Aldeia Araponga

Quase 100 mudas de frutíferas variadas foram plantadas na aldeia no ano de 1998: laranja bahia, laranja lima, laranja pêra do rio, laranja barão, limão cravo, limão siciliano, tangerina do rio, poncã, jabuticaba, gabirola, pitanga, araçá, jaca, cambuci, cambucá, jambo, jambolão, coco anão, cainito, urucum, jenipapo e abiu.

Aldeia Parati Mirim

Mais de 150 mudas de frutíferas foram plantadas no ano de 1998: laranja bahia, laranja lima, laranja pêra do rio, laranja barão, limão cravo, limão siciliano, tangerina do rio, poncã, jabuticaba, gabirola, pitanga, araçá, jaca, cambuci, cambucá, jambo, jambolão, coco anão, urucum, jenipapo, abiu, cainito.

Aldeia Aguapeú

A comunidade do Aguapeú, no ano de 1996 plantou 42 mudas de frutas: amora, araçá, cabeludinha, carambola, cajá-mirim, fruta do conde, grumixama, jaca, jambo, limão tahiti, pitanga, romã, sapoti, tangerina, poncã, uvaia.

No ano de 1999 plantou 140 mudas de frutas: tangerina, laranja, limão, jabuticaba, fruta do conde, pitanga, maracujá, jaca, guaraná. No ano de 2000 plantou 80 mudas de erva-mate e 100 mudas de frutas: laranja lima, tangerina, poncã, goiaba, jabuticaba, manga rosa, coco anão, cacau, urucum. No ano de 2003 plantou 11 mudas de frutas: jabuticaba, manga e jenipapo; 10 mudas de Pau Brasil, 20 mudas de eucalipto, 60 mudas de café e 100 mudas de erva mate.

Aldeia Ilha do Cardoso

A comunidade da Ilha do Cardoso plantou mais de 350 mudas de frutas de vários tipos: laranja pêra, laranja bahia, laranja lima, poncã, abacaxi, amora, ameixa, uva preta, guaraná e maracujá. A comunidade da Ilha do Cardoso também plantou 180 mudas de erva-mate.

“É bom ter a fruta. Muitas vezes a gente compra na cidade e isto não é bom. A gente pensou em produzir aqui na aldeia para ter mais saúde e alimento para as crianças. O café também. Todas essas plantas que a gente pode produzir aqui na aldeia dão saúde para as crianças. Comprar na cidade não é bom e é por isso que a gente pensa mais para daqui a dez ou quinze anos. As crianças vão continuar a crescer igual o pessoal de idade já cresceu, todos com muita saúde. E a gente quer continuar assim” (Francisco).

“Nessa aldeia tem tudo. Tem natureza... Mas diminuir a natureza também não é bom, não é? Esse apoio do plantio de laranja, erva-mate é bom para a criança se alimentar e para todos se alimentarem. Por isso é bom o plantio para nós” (Cacique Marcílio).

Aldeia Rio Branquinho de Cananéia

Todas as famílias que chegaram a morar na aldeia Rio Branquinho plantaram um pouco de frutas. Tem tangerina cravo, poncã, tangerina morcote, laranja seleta vermelha, laranja seleta branca, laranja pêra do rio, limão cravo, jabuticaba, pitanga, acerola, araçá, goiaba, jaca, jambo, cambuci, cambucá, gabirola, coco anão, amora, fruta-pão, carambola, cabeludinha, tamarindo, seriguela, urucum, abiu, uva preta e indaiá.

Também foi plantado na aldeia Rio Branquinho mais de 100 mudas de erva-mate.

“Aqui foi plantado mudas de laranja, nós limpamos quando chegamos. E neste terceiro ano deu para aproveitar laranja e mexerica, essas frutas” (Saulo).

Aldeia Pindoty

A comunidade de Pindoty plantou mais de 800 mudas de banana. Tem banana nanica, banana prata...

Plantou também mais de 360 mudas de frutas de vários tipos: tangerina cravo, poncã, tangerina morcote, laranja seleta vermelha, laranja seleta branca, laranja pêra do rio, limão cravo, jabuticaba, pitanga, acerola, araçá, goiaba, jaca, jambo, cambuci, cambucá, gabirola, coco anão, amora, fruta-pão, carambola, cabeludinha, tamarindo, seriguela, urucum, indaiá, abiu, abacate, urucum, pêssego. A comunidade Pindoty plantou quase 200 mudas de erva mate.

“Nós conseguimos fazer bastante plantação de árvores frutíferas e hoje já tem muitas mudas plantadas aqui... Nós começamos a abrir a roça, a primeira roça que nós abrimos quando chegamos aqui, hoje já tem dois, três pés de jabuticaba que já estão dando um pouquinho. E onde também nós plantamos goiaba, acerola, laranja... Algum pezinho está dando fruto todo ano” (Ângelo Silveira).

Aldeia Peguaoty

A comunidade de Peguaoty foi a que mais investiu em frutas. O plantio de frutas na aldeia começou no ano de 2000 e foi até 2004. Na aldeia foram plantadas pelo Projeto mais de 700 mudas de frutas. Tem ameixa, cambucá, jenipapo, jabuticaba branca, jambolão, coco anão, pitanga, laranja umbigo, poncã, laranja natal, manga, laranja lima, jabuticaba preta, cereja, gabirola, butiá, abacaxi, limão, pêssego, maracujá, abacate, banana nanica, banana prata. Também foram plantadas na aldeia mais de 60 mudas de café, 100 mudas de erva-mate e também mudas de pau-brasil

“Aqui em Peguaoty nós plantamos muita laranja, jabuticaba, mamão tem demais, fruta do conde, tem bastante pindó que a gente plantou também. Vai dar bastante daqui uns cinco ou seis anos. Vai ter bastante fruta mesmo!”

(...) Teve um dia que nós fomos escolher frutas para plantar pelo Projeto. Foi em um sítio lá na cidade de Pariquera-Açu. Eu fiquei muito contente naquele dia em que nós chegamos no sítio daquele casal de velhinhos que vendia frutas em Pariquera-Açu. Eles têm sua própria plantação e mudas, essas coisas. Eu fiquei muito contente. Assim que eu voltei de lá eu fiquei pensando nisso. A comunidade indígena aqui tem como fazer igual a eles. Ter bastantes frutíferas, mudas. Para mim foi boa a visita. A gente que foi lá visitar tem mais vontade de estar produzindo essas frutas porque a gente viu que lá deu bastante fruta. Até comi bastante fruta.

Bastante fruta gostosa. Eu conheci a fruta que chama cambucá. Se a gente tem essa plantação aqui, com certeza, todo mundo vai gostar. Porque é muito bom e é uma árvore que dá muita fruta. Tem vários tipos que a gente conheceu. Tem fruta de jambolão que eu não conhecia, jabuticaba branca... e aquela outra que eu peguei só uma muda, porque não tinha mais, que é a carambola. Então foi muito bom” (Celso).

Aldeia Uruity

Na aldeia de Uruity foram plantadas, entre os anos de 2002 e 2004, mais de cinquenta mudas de frutas: laranja lima, poncã, cambucá, jabuticaba sabará, jabuticaba caipira, jabuticaba branca, coco anão, jenipapo, jambolão e maracujá.

A comunidade de Uruity também plantou na aldeia 100 mudas de erva-mate.

Aldeia Juréia

Foram plantadas mais de 30 mudas de frutas: poncã, abacaxi, pitanga, jabuticaba, goiaba, coco anão e 20 mudas de erva-mate. Parte das mudas foram plantadas no ano de 1999 e o restante entre 2002 e 2004.

Aldeia Subaúma

No ano de 2004 as famílias que estavam morando em Subaúma plantaram 200 mudas de banana prata, banana ouro, banana nanica e 60 mudas de café.



ADRIANA FELIPI

Porque é necessário cuidar das plantas?

“Pelo projeto a gente também fez poda nas frutíferas. Eu lembro que a gente sempre vem falando sobre isso, porque nós queremos mais uma vez fazer essa poda nas árvores frutíferas. Deu melhoria nas plantas. Antes disso as formigas estavam mexendo bastante na plantação. Quando nós podamos ao mesmo tempo passamos a calda de fumo. Depois disso melhorou bastante, diminuíram as formigas, essas coisas” (Celso Aquiles – aldeia Peguaoty).

“A poda das frutas vai ajudar a desenvolver o nosso pomar que já está plantado. Aqui na aldeia Pindoty já tem muita fruta, tem goiaba, laranja, muita fruta que a gente tem que manter saudável. Porque as plantas a gente tem que cuidar e dar carinho que nem fazemos para o nosso filho. Senão ela não se desenvolve. Então fazendo assim a gente vai fazer o pomar ficar mais saudável e vai dar resultado nas frutas” (Renato – Pindoty).

PLANTANDO PINDO ETE



ADRIANA FELIPI

O pindo ete é chamado de Jerivá na língua do jurua. É costume dos Guarani plantar pindo ete nas aldeias. As comunidades do Aguapeú e de Pindoty chegaram a comprar pelo projeto algumas mudas de pindo ete já grandes. As comunidades de Parati Mirim, Rio Branquinho de Cananéia e Peguaoty escolheram plantar sementes de pindo ete para produzir mudas na própria aldeia.





ADRIANA FELIPIM

Aldeia Aguapeú: 200 mudas de pindo ete.

Aldeia Araponga: 05 mudas grande de pindo ete.

Aldeia de Parati Mirim: Com as sementes foi produzido na aldeia mais de 2.000 mudas de pindo ete. Também foi plantado 05 mudas grandes.

Aldeia Rio Branquinho: 05 kg de sementes de pindo ete.

Aldeia Pindoty: 15 mudas grandes de pindo ete

Aldeia Peguaoty: 20 kg de sementes de pindo ete

PLANTANDO JEJY



ADRIANA FELIPIM

O jejy é chamado de juçara na língua do jurua. Muitos jurua, há muito tempo, vivem de cortar e vender o palmito. Hoje em dia tem pouco jejy nas matas.

Foram plantadas muitas mudas de jejy com o apoio do projeto. Quase 90.000 mudas de palmito juçara. Muitas aldeias plantaram essa planta: aldeia da Ilha do Cardoso, aldeia Peguaoty, aldeia Aguapeú, Aldeia Rio Branquinho, aldeia Pindoty, aldeia da Juréia, aldeia Uruity, aldeia Ribeirão Silveira, aldeia Renascer, aldeia de Parati Mirim, aldeia de Ubatuba, aldeia Paraíso, aldeia Piaçaguera, aldeia Capoeirão, aldeia do Bananal, aldeia do Bracui e aldeia Itaoca.

Todas as aldeias estão procurando arranjar um jeito para o jejy não acabar.

“Aqui na Juréia eu fiz assim: eu trouxe dois sacos de semente de palmito – semente que eu colhi aqui mesmo na Juréia. Aí eu joguei bem do lado do rio para poder nascer e para depois tirar as mudas e trazer para poder plantar no mato, plantar junto com cada pé de banana. Nasceu um monte. Tudo nasceu. Aqui perto de casa eu tenho muda de palmito que eu plantei que está com três meses. Tem outra muda com três dias. Eu também eu sempre jogo água nas plantas. Jogo água três vezes no dia para crescer bem. As mudas eu peguei aqui pertinho por que tinha muita muda no chão, as sementes eu peguei lá do morro.

Para você tirar muda do jeju você não precisa cortar a planta. Você tem que puxar assim... devagarinho, devagarinho, com paciência, até sair tudinho, toda a raiz. Não pode arrebentar a raiz. Se arrebentar a raiz a muda não nasce. Tem dois anos que eu estou cortando palmito mas eu também estou plantando. Eu trago a semente, jogo no mato, trago a muda. A semente demora mais para dar o palmito, já a muda é bem mais rápido. Se eu corto e não planto, o palmito vai acabar, aí a culpa é minha. Não pode parar de plantar.” (cacique Alcides – Juréia).

“Para plantar palmito aqui em Uruity, a gente chama a comunidade toda para tratar de plantar as mudas de palmito. Contando as mudas e mais as sementes que também vieram pelo projeto eu acho que a gente plantou bem mais de 10.000 pés de palmito. Todo mundo plantou, juntamos em “puxirão” e plantamos dentro da mata com espaço de um pouco mais de meio metro, isto é, um espaço de mais ou menos um passo. A gente cortava um pedaço de pau do tamanho que servia para a muda, dava um passo grande, abria os buracos na terra e plantava. É muito bom plantar dessa muda, ela é de um tamanho mais seguro, um tamanho que a muda não morre quanto é plantada. Desse tamanho mesmo que a gente quer continuar plantando. Deu muito bem. A gente escolheu lugar na mata mesmo, onde tem morro um pouquinho, e pegou bem. É bom para nós ter mais palmito no mato, para escolher semente. Aí aproxima mais as aves, os bichos. Agora já quase não tem mais palmito em todas as aldeias. A gente tá pensando em mostrar para as crianças daí como é que o palmito vive no mato.” (cacique Lídio – Uruity).



“Já faz algum tempo nós temos pensado em diminuir a quantidade de palmito a ser tirado da mata. Uma família não pode tirar mais que uma dúzia de palmito por semana e ainda tem que plantar semente de palmito. Nós também não permitimos vender para palmiteiros e só tem direito de vender palmito a família que precisa e que mora aqui ” (Cacique Adolfo– Ribeirão Silveira).



“Na aldeia Pindoty a gente plantou bastante palmito. Não lembro do total, mas sei que foi bastante. Nesta plantação todo mundo participa. A criançada adora plantar e a gente explica para eles porque a gente planta. A gente explica que a mudinha é pequena mas que daqui há uns oito anos isto vai servir para ele. Quando a criança planta aí ela já planta com esse pensamento. Para crescer bem o palmito, a gente pegou a experiência.... porque antes, no começo, a gente plantava as mudinhas e depois de três meses, quatro meses a gente limpava...então o palmito ficava fraquinho...não recebia muita umidade...tomava muito sol. O palmito, para criar raiz demora um tempo...mesmo que ele está verdinho, para a raiz dele ainda vai faltar uma parte. Agora eu já conversei com o pessoal da aldeia para a gente não mexer nas mudinhas durante uns três anos. Deixa crescer tudo para depois limpar um pouquinho...Aí a gente já vê onde tem palmito, onde não tem...Palmito é muito bom...a gente come e ao mesmo tempo a gente alimenta a natureza” (cacique Renato – Pindoty).

Aldeia Araponga

Ano de 1998: 40 mudas de palmito

Aldeia de Parati Mirim

Ano de 2003: 3.000 mudas

Aldeia Aguapeú

Ano de 2001: 15.500 mudas

Ano de 2002: 2000 mudas

Ano de 2003: 2000 mudas

Aldeia Ilha do Cardoso

Ano de 1998: 1.000 mudas

Ano de 1999: 1500 mudas

Aldeia Rio Branquinho

Ano de 1998: 2.500 mudas

Aldeia Pindoty

Ano de 1999: 300 mudas.

Ano de 2001: 5.500 mudas.

Ano de 2002: 4.500.

Ano de 2003: 5.000 mudas

Aldeia Peguaoty

Ano de 2003: 1.000 mudas

Ano de 2004: 5000 mudas

Aldeia Bracuí

Ano de 2003: 5.000 mudas

Aldeia Uruity

Ano de 2002: 3.000 mudas e 60 kg de sementes.

Ano de 2003: 5.000 mudas.

Ano de 2004: 5.000 mudas

Aldeia Paraíso

Ano de 2003: 3.000 mudas

Aldeia Bananal

Ano de 2002: 1.000 mudas

Aldeia Piaçaguera

Ano de 2002: 1.000 mudas

Aldeia Itaoca

Ano de 2002: 1000 mudas

Aldeia Rio Branco de Itanhaém

Ano de 2002: 1.000 mudas

Aldeia Capoeirão e Rio do Azeite

Ano de 2002: 1.000 mudas

Aldeia Ribeirão Silveira

Ano de 2002: 10.000 mudas

Aldeia Renascer

Ano de 2003: 3.000 mudas

Ao todo foram plantadas, durante o Projeto, aproximadamente 90 mil mudas de palmito juçara.



O QUE FAZER PARA NÃO ACABAR COM OS RECURSOS NATURAIS DA ALDEIA



ADRIANA FELIPIIM



ADRIANA FELIPIIM



MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

Os jurua costumam chamar a terra, a água, as plantas, os bichos, tudo isso, de “recursos naturais”. E o jeito com que cada pessoa lida com a terra, a água, as plantas e os bichos, os Jurua costumam chamar de “manejo”, “manejo dos recursos naturais”. Os Guarani tem seu jeito certo de lidar com todos esses recursos, para que eles nunca acabem. O projeto do CTI também foi feito para apoiar o modo como o povo Guarani sempre lidou com a terra, com a água, com as plantas e com os bichos. Na língua dos jurua se diz assim: o Projeto também foi feito para apoiar o “manejo tradicional Guarani”.

pindo ete

“Aqui em Pindoty, para não acabar os recursos na aldeia é assim: quando a gente corta uma palha de pindo ete, de jerivá, a gente evita de derrubar o jerivá inteiro. Por isso a gente sobe lá em cima do jerivá, corta só a palha e daí o resto fica produzindo de novo para depois a gente poder usar a palha outra vez. Tem que deixar umas duas ou três folhas, as folhas mais novas. Só corta as folhas mais velhas e depois, dentro de um ano, já dá para usar de novo. Aí não acaba. Quando derruba o pé todo aí sim acaba. Não se produz sozinho.” (Vilson – Aldeia Pindoty).

kapii kaaguy

“Aqui na aldeia da Ilha do Cardoso é assim. Tem um tipo de palha que nós usamos bastante para cobertura de casa que a gente chama de kapii kaaguy. Para não acabar com o kapii kaaguy a gente faz assim: as plantas que são mais pequenas, mais novinhas a gente não arranca. Deixa no lugar. Para arrancar a gente escolhe só o que é maior. Se caso a gente arrancar sem querer o kapii que é menor, aí a gente deixa ele na terra. Aí ele brota e não seca. E é por isso que nunca acaba. O kapii kaaguy cresce rápido. Alguns, se a gente esperar um ano e meio, dois anos, já dá para arrancar de novo no mesmo lugar. Já o que é mais pequeno vai demorar mais um pouco, daqui a dois anos e meio, três anos já dá para arrancar. Arranca com raiz e tudo porque a raiz que ficar, brota. A gente arranca kapii em uma parte, em uma área. Aí, deixa esse lugar que a gente arrancou e vai para outro lugar onde tem kapii bom. A gente arranca o bom. Deixa aquele lugar de novo. Se tiver bom o lugar que a gente arrancou antes, a gente volta para esse lugar. Se não tiver bom nesse lugar, vamos para outro. Por isso que é bom a gente ter uma área grande para essas coisas (João—Aldeia Ilha do Cardoso).

“No caso de palha, para fazer cobertura de casa, aqui na aldeia Pindoty tem mais kapii kaaguy, que é uma planta que dá dentro do mato. É o mesmo da aldeia da Ilha do Cardoso. Aqui também tem um pouquinho de Pindoi também, mas é muito pouco que tem e a gente nem tira. Do kapii kaaguy a gente só usa a folha mais comprida para cobrir a casa, a casa de reza e o resto. As plantas mais pequenas sempre ficam e assim vão crescendo e depois a gente tira e depois a gente deixa ficar de novo no lugar os mais pequenos e é assim, e assim não acaba” (Vilson—Aldeia Pindoty).



ADRIANA FELIPIM

“Aqui na aldeia Peguaoty tem mais kapii kaaguy para cobrir casa, Tem também pindoi, pouco mas tem, mas o melhor é este kapii kaaguy, dura mais...dá mais trabalho mas dura mais. Para sempre ter kapii kaaguy, a gente faz assim: a gente tira palha na lua minguante e também tira a folha mais adulta. As folhas mais novas a gente deixa e depois tem um tempo que essas que a gente deixou vão crescer. Aí não acaba assim de uma vez. Por exemplo, a gente vai tirar kapii num lugar e depois a gente vai tirar em outro lugar. É assim que a gente tira palha (Celso—Aldeia Peguaoty).

caixeta

MARIA INÉS LADEIRA



“A caixeta também é igual ao kapii. No primeiro lugar que nós tiramos caixeta aqui na Ilha do Cardoso já não tem mais do tipo que é melhor para fazer o bichinho. Já faz mais de um ano que a gente deixou esse lugar e passamos a tirar em outro lugar. Quando tiver caixeta boa, em bom tamanho, aí a gente volta de novo para aquele lugar. Caixeta também tem o tamanho bom para tirar. Aí depende da gente. Caixeta para nós tem de três tipos: a que é mais molinha, a que é um pouco mais dura e a que é bem dura mesmo. A caixeta mais molinha é a melhor para fazer bichinho, a mais dura a gente não corta. A caixeta também não seca. A gente corta e ela brota de novo. É igual Kapii kaaguy. Até do galho que a gente corta e cai no chão, ela brota.” (João – Aldeia da Ilha do Cardoso).

yvyra poã



ADRIANA FELIPIM

“No caso das plantas, das árvores que nós usamos para remédio, também nós não precisamos derrubar. A gente tira só uma casquinha, só uma parte do pé assim, parte da raiz...mas não tira a raiz..raspa um pouco só da raiz, uma raspinha só” (Wilson – Aldeia Pindoty).

“Para remédio a gente também só tira a casca. Às vezes tira raiz pequena mas não derruba as árvores. É assim que a gente faz” (Celso – Aldeia Peguaoty).

guembe ete e guembera



MARIA INÉS LADEIRA

“E também tem o cipó imbé que a gente tira também a parte mais comprida e mais velha do cipó. Os novos, a gente sempre deixa para trás. E tira só a casca do cipó também e essa casca volta depois de mais ou menos 6 meses..aí o cipó tá bom de novo” (Vilson – Aldeia Pindoty).

“Guembera aqui tem, e a gente usa bastante este cipó para amarrar as casas, caibros, para fazer artesanato mas aqui em Peguaoty não tem guembe ete, que a gente também come o fruto. A gente tira mais cipó adulto. O novo fica. Com o tempo, aquele que a gente tirou fica bom de novo para tirar. Ele não acaba assim. Ele vem como um ser humano, cada vez mais cresce o cipó” (Celso– Aldeia Peguaoty).

pindoi

“Pindoi também é assim como kapii kaaguy, mas Pindoi a gente tem que esperar um tempo maior para voltar no mesmo lugar e tirar de novo. Porque tem que tirar a folha, cortar e aí não tem como brotar de novo. A gente tem que esperar a semente cair no chão e nascer de novo e leva um tempinho para isso. Quando a gente corta, a gente deixa as sementes e leva tempo para nascer e crescer” (Vilson – Aldeia Pindoty).

kokue

“A terra para não cansar, ela tem que descansar. Se a terra tá cansada a gente não usa mais. Deixa crescer o mato e depois volta de novo. Quando deixa tem que procurar outro lugarzinho para plantar. Se quiser voltar depois de 1 ano ou 2 anos pode. O mesmo lugar de roça pode usar, mais ou menos, até três anos” (Vilson – Aldeia Pindoty).

“O adubo não é da nossa cultura, não é da nossa tradição. É muito difícil a gente lidar com adubo na plantação. O pessoal de fora fala que a gente tem que adubar, fazer isso, fazer aquilo, mas não adianta. Para as plantações da nossa tradição mesmo, não adianta adubar a terra. A gente já tentou e descobriu que a solução não é adubo e isso não faz parte do nosso costume. A solução é achar uma terra que dá sem adubo. Porque a terra também precisa descansar para plantação. Porque a gente é assim, planta em uma parte um ano, dois anos e depois muda para outra parte...a gente abre uma roça e planta o que a gente quer. Passa um ano, a gente abre outra roça, planta o que a gente quer de novo, depois, se a gente quiser a gente volta no primeiro lugar que a gente abriu. A terra precisa descansar para voltar a ser boa” (Saulo – Aldeia Rio Branquinho).

CRIAÇÃO DE AVES



Muitas famílias Guaraní tiveram ou aumentaram sua criação pelo projeto. Criação de pato, galinha caipira, galinha poedeira, pintinho de granja, galinha d'angola, galinha do pescoço pelado, peru, ganso. Cada família escolhia o que queria criar. Em algumas aldeias criaram porcos. Cada família tinha sua criação bem pertinho da casa.

“Aqui na aldeia Pindoty é assim: cada família escolhe a criação para as crianças. Nós adultos temos a criação na nossa casa mas toda criação é da criança. Por exemplo, alguma criança quer ter galinha ou galinha d'angola ou pato. Aí essa criação já é dela. Isso é que é diferente. Para mim eu tenho que respeitar cada família. Por exemplo, se eu fizesse as coisas só do meu pensamento seria bom, eu compraria só galinha para todo mundo, mas só que na cultura do Guaraní antigo cada criança escolhe o que ela quer criar. Porque aí quando a criança passa a ter uns três anos de idade, ela já sabe que a galinha é dela e então fica contente sabendo que é dela. Os meus filhos têm patinhos. Tudo é ligado na tradição. Nada é inventado. Se fosse inventado eu inventaria bastante coisa” (Cacique Renato – Aldeia Pindoty).

Por que é bom criar galinha?

MARIA INÊS LADEIRA



“Criar galinha é o jeito mais fácil da gente conseguir carne para os trabalhadores ou para alguém que está doente. Se a gente tem a criação da gente no pátio é mais fácil de conseguir carne. Cada casal tem que se lembrar de criar as galinhas para dar de comer para os filhos, para os grandes, para todos. Para nós agora é assim, mas antes não era assim. Antes tinha muita caça mas hoje em dia está ficando tudo difícil. Não dá mais. Tem de criar para dar de comer para os filhos e para os grandes também. Eu gostei de criar os patinhos, as galinhas. A carne de galinha é muito boa, muito saudável, coisa boa de ter. Porque as galinhas não são como essas coisas de enlatado que é muito misturado com química e que estraga a criança e os grandes” (Seu Luiz – Aldeia Pindoty).



ADRIANA FELIPIM

“Cada família tem seu jeito de lidar com a criação. Tem família que costuma ter um galo para 4 ou 5 galinhas. Tem família que costuma ter um galo para oito 8 galinhas. A família é que decide. Mas a gente tem que prestar bem atenção na hora de escolher o tipo de galinha que quer criar. Se a gente quer acabar com a formiga da roça ou do quintal a gente pode escolher a galinha d'angola ou de pescoço pelado. Se quer bastante ururupia para comer, a gente pode escolher as galinhas que os jurua chamam de poedeira. Se quer sempre aumentar a criação e garantir carne, tem que escolher galinha caipira.

(...) Meu costume é assim, se a gente tem meia dúzia de galinha, aí precisa só de um galo. Agora, se a gente tem 8, 10 galinhas, aí a gente precisa de 2 galos. Galinha de granja eu não gosto muito porque dá bastante ovo mas não choca, não é? Bom para criar mesmo são essas galinhas caipiras, dessas pretas... a caipira sim é que choca. Coisa que eu gosto é assim. Cada noite nós fechamos no galinheiro e de dia nós soltamos para a galinha por o ovo onde ela quiser (Seu Luiz – Aldeia Pindoty)”

Um caso que aconteceu na aldeia Rio Branquinho



ADRIANA FELIPIM

“Uma vez aconteceu assim... Não sei se era 60 ou 70 galinhas que vieram pelo Projeto. Chegou e a gente dividiu. Veio milho, o milho foi repartido para cada criador. Aí chegou o mês em que terminou o milho. Aí passamos para mandioca. Aí acabou a mandioca. Passamos para banana. Aí a banana já estava acabando e a gente não queria deixar presa a galinha sem dar nada para elas comerem. Só que nesse meio tempo a gente adubou a terra e no dia seguinte a gente viu que uma galinha estava morta. Só que a gente não sabia o que era. No outro dia, mais duas, e assim foi morrendo, morrendo... Aí que a gente descobriu que elas estavam comendo adubo porque não tinham outra coisa para comer” (Saulo – Aldeia Rio Branquinho).



ADRIANA FELIPIM

Criação de aves

Aldeia Araponga

No ano de 1996: 40 galinhas caipira.

No ano de 1998: mais de 20 galinhas.

Aldeia Parati Mirim

No ano de 1998: mais de 40 galinhas.

Aldeia Aguapeú

No ano de 2000: mais de 80 galinhas.

No ano de 2002: 75 galinhas caipira e 03 galinhas d'angola.

Aldeia da Ilha do Cardoso

No ano de 1998: mais de 30 galinhas caipira. No ano de 1999: 52 galinhas. No ano de 2001: 32 galinhas caipira e poedeira. No ano de 2004: 60 galinhas caipira.

Aldeia Rio Branquinho de Cananéia

No ano de 1996: 44 galinhas. No ano de 1998: mais de 30 galinhas caipira e 07 galinhas d'angola. No ano de 1999: 06 galinhas caipira. No ano de 2001: 30 pintos de granja, 140 galinhas caipira e 03 casais de porcos caipira.

Aldeia Pindoty

No ano de 1999: 43 galinhas. No ano de 2001: 48 galinhas e 10 pintos de granja. No ano de 2002: 51 galinha, 04 galinha angola, um casal de patos e um casal de porco. No ano de 2003: 06 galinhas. No ano de 2004: 20 galinhas e 11 patos.

Desde o ano de 1999 até o ano de 2004, a comunidade de Pindoty investiu pelo projeto em 40 pintinhos de granja, 13 patos, 02 porcos e mais de 170 galinha de tipo diferente.



ADRIANA FELIPIM

Aldeia Peguaoty

No ano de 2000: 35 galinhas caipira. No ano de 2001: 30 pintos de granja e 60 galinhas caipira. No ano de 2002: 03 galinhas d'angola. No ano de 2003: 04 perus e 03 gansos.

Aldeia Uruity

No ano de 2001: 08 galinhas caipira e poedeira. No ano de 2004: 15 galinhas caipira.

Aldeia Juréia

o ano de 2001: 04 galinhas poedeira. No ano de 2002: 09 galinhas caipira e raça índio e 03 patos. No ano de 2004: 05 galinhas caipira e 02 patos.

Aldeia Subaúma

No ano de 2001: 05 galinhas poedeira. No ano de 2003: 06 galinhas caipira. No ano de 2004: 18 galinhas caipira

Aaldeia Itapitangui

No ano de 2001: 06 galinhas caipira.

Nossos **PARCEIROS** NA REGIÃO



ADRIANA FELIPIM

O projeto conseguiu grandes parceiros, principalmente na região do Vale do Ribeira. As comunidades Guarani que participaram do projeto Também ajudaram muito os pequenos sítios jurua comprando suas ramas de mandioca, mudas de cana-de-açúcar, sementes de milho, sementes de feijão, sementes de arroz, mudas de frutas, galinhas, porcos, mudas de palmito, mudas de café, mudas de erva-mate, mudas de banana.

É bom a gente lembrar dos nossos parceiros:

O Viveiro da Escola Técnica de Iguape (ETE Narciso de Medeiros) produziu as mudas de palmito juçara que foram plantadas nas aldeias. As pessoas da Escola Técnica de Iguape que trabalharam na produção das mudas foram a Dona Neném e o Bituca.



DONA ORTÍLIA, FERNANDO, DONA CIDA, DONA ELIZABETH são alguns dos vários sitiante de Pariquera-Açu que criavam galinhas, peru, pato e ganso. Eles foram os principais fornecedores de aves para as comunidades.

GILSON. É motorista de táxi e produtor das mudas de jerivá, de café, de maracujá e de erva-de-Santa-Maria que foram plantadas nas aldeias. Mora em Pariquera-açu. Fez muitas viagens às aldeias e fretes com mercadorias, mudas e aves.

GILDO. É dono do sacolão de Pariquera-açu. É a pessoa que sempre arrumou as sementes de feijão preto que eram plantadas nas aldeias.

CRISTINA KRIEGLER E HARETON. Cristina trabalhava na Funai e chegou na Vale do Ribeira em 1994. Em 2000 se aposentou mas, junto com Hareton, continuou apoiando o trabalho das comunidades Guarani com o CTI.

ACIR. Mora em Pariquera-Açu e é produtor de cana-de-açúcar.

DONA JOSEFA E AFRO. Sitiante de Pariquera-açu. Produzem batata-doce, cará, mangarito. Também criam galinhas e patos.

SIRINEU. Trabalha no posto de gasolina em Pariquera-açu e também é sitiante. É quem arrumou muitas ramas de mandioca para as aldeias.

JOÃO CARDOSO. É pescador e agricultor e mora na Ilha do Cardoso em Cananéia. Muitas mudas de café que estão plantadas nas aldeias vieram da roça do Seu João.

SEU WALTER. Mora em São Paulo mas também é sitiante em Pariquera-açu. É criador de galinhas e de porco caipira.

TÔNICO E ROSÁLIA DENEVISK. Sitiante que produz muitas mudas de frutas: jabuticaba branca, jabuticaba preta, carambola, jambolão, cambucá, vacupari, cereja do mato, pitanga e várias outras. Mora em Pariquera-Açu.

Avete



SEDE

SCLN 210 bloco c sala 217/218

CEP 70862-530 Brasília DF

Fone: (61) 3347 5559 e (61) 3349 7769

cti@trabalhoindigenista.org.br

ESCRITÓRIO SÃO PAULO

Rua Aspicuelta 474 CEP 5433-011 São Paulo SP

Fone: (11) 3812 1520 e (11) 3813 3450

cti-sp@trabalhoindigenista.org.br

www.trabalhoindigenista.org.br

APOIO INSTITUCIONAL

Norad

Rainforest

Moore

TEKO MBARAETERÃ FORTALECENDO NOSSO VERDADEIRO MODO DE SER

COMUNIDADES
GUARANI MBYA



TEKO MBARAETERÃ

FORTALECENDO NOSSO
VERDADEIRO MODO DE SER

ORGANIZAÇÃO E EDIÇÃO

Maria Inês Ladeira e Adriana Felipim

DEPOIMENTOS E DESENHOS

Lideranças Guarani

FOTOGRAFIAS

Maria Inês Ladeira, Adriana Felipim e Roberto Ulisses Resende

PROJETO GRÁFICO

Renata Alves de Souza

REALIZAÇÃO

COMUNIDADES
GUARANI MBYA



Projeto
CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E
SUBSISTÊNCIA DO POVO GUARANI
COORDENAÇÃO Maria Inês Ladeira

APOIO AO PROJETO E À PUBLICAÇÃO



União Europeia

HORIZONT
3000



Dka Austria
Dreikönigsaktion der Katholischen Jungschar

Cooperação Austríaca
para o Desenvolvimento

T E K O
MBARAETERÃ
FORTALECENDO NOSSO
VERDADEIRO MODO DE SER

2005

**EXPERIÊNCIA DO TRABALHO das comunidades Guarani
e do Centro de Trabalho Indigenista - CTI**



ÍNDICE

6 APRESENTAÇÃO

12 CONHECENDO UM POUCO AS **ALDEIAS** E O MODO QUE CADA COMUNIDADE TRABALHOU NO **PROJETO**

26 As **ROÇAS**

32 PLANTANDO **FRUTAS**, PLANTANDO **CAFÉ**, PLANTANDO **ERVA-MATE**

36 PLANTANDO **PINDO ETE**

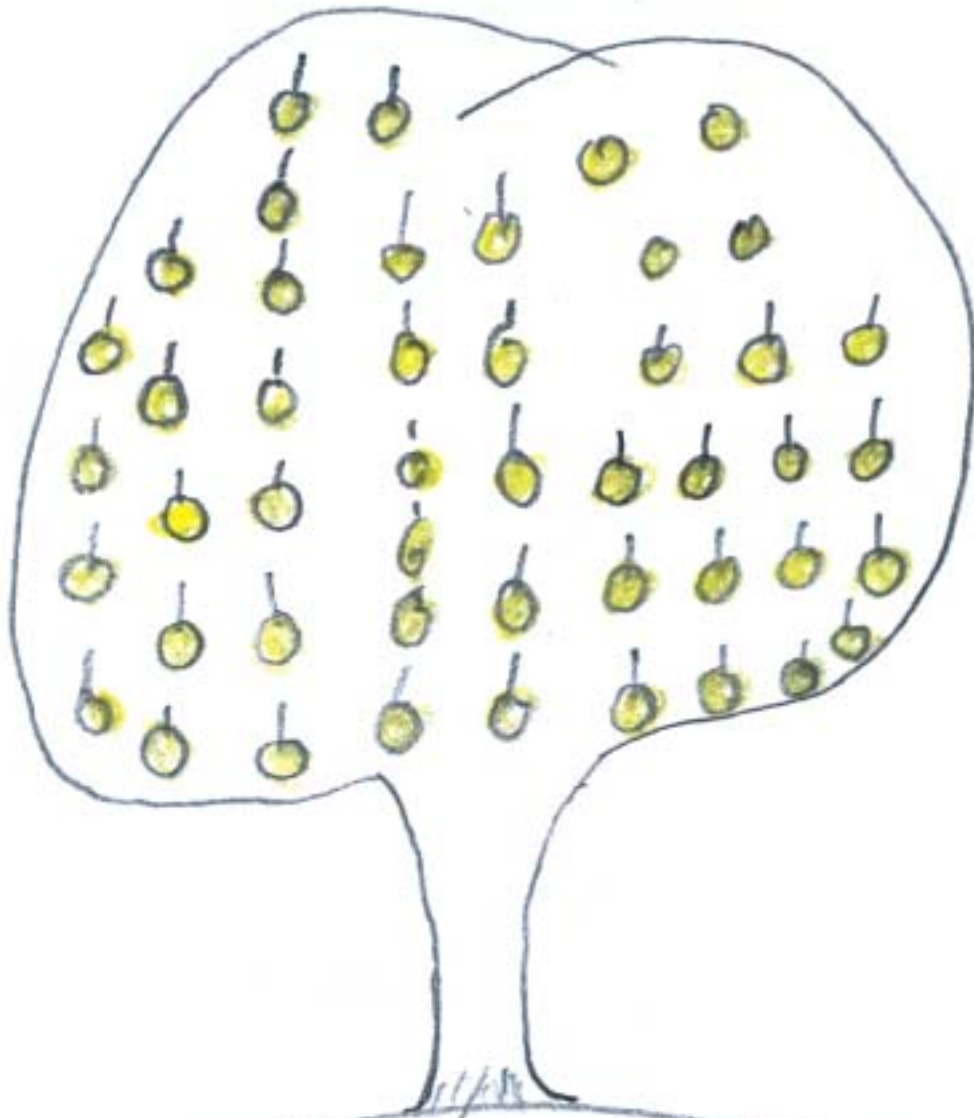
38 PLANTANDO **JEJY**

42 O QUE FAZER PARA NÃO ACABAR COM OS **RECURSOS NATURAIS** DA ALDEIA

46 CRIAÇÃO DE **AVES**

50 Nossos **PARCEIROS** NA REGIÃO

APRESENTA



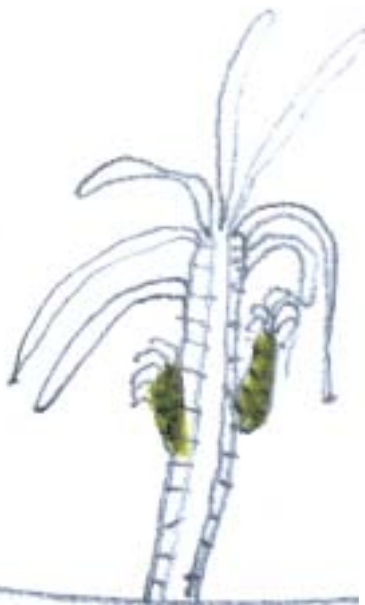
AÇÃO

Este livro conta um pouco dos trabalhos realizados pelas comunidades Guarani e o Centro de Trabalho Indigenista (CTI) através do Projeto “CONSERVAÇÃO AMBIENTAL DE TERRAS E SUBSISTÊNCIA DO POVO GUARANI” que foi realizado entre os anos de 1996 e 2004.

Nós, do CTI, organizamos as informações para este livro, mas quem contou sobre o Projeto foram as lideranças das comunidades.

Queremos dizer que ficamos muito felizes de ver que esse trabalho deu e continuará dando bons frutos.

Para aqueles que são jovens ou que não conheceram o trabalho do CTI, vamos primeiro contar quando e por que foi criado o CTI e um pouco do trabalho com os Guarani. E vamos também falar das organizações que apoiaram este Projeto.



O Centro de Trabalho Indigenista (CTI) é uma Ong – Organização não-governamental (não é do governo) leiga (quer dizer que não está ligada à nenhuma Igreja ou religião). O CTI foi fundado em março de 1979.

Na época em que o CTI foi criado, a situação era muito difícil. Era o período da ditadura militar e os militares que governavam o Brasil proibiam a liberdade de expressão. Então, não se podia dizer ou escrever as opiniões contrárias ao governo. Nessa época de ditadura, qualquer ação social junto aos mais necessitados podia ser reprimida com prisões, torturas e até mesmo mortes. Na verdade, os militares tomaram o poder com a força do exército em março de 1964, com medo de que o povo brasileiro organizado conseguisse mudar o sistema de governo.

A ditadura militar durou mais de 20 anos e nesse período não havia eleições e os presidentes do Brasil foram todos militares. Em 1985 foi escolhido um presidente civil para governar o período de transição da ditadura para a democracia (esse presidente era Tancredo Neves que morreu sem assumir a presidência, que foi passada para José Sarney). A Constituição Federal (CF) de 1988 é que marca o início da democracia. Mas essa é uma história muito mais comprida que não vai caber aqui nesse papel, como nenhuma história cabe só no papel.

Foi durante a ditadura militar, em 1967, que a Funai – Fundação Nacional do Índio foi criada, substituindo o Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Na década de 1970 - 1980 a política indigenista do governo militar era uma “política de integração” (adaptar os índios ao modo de vida e à

sociedade dos brancos) e as Terras Indígenas (TI) deviam ser produtivas e gerar recursos para o país. Em 1979 a repressão começou a diminuir, e a sociedade civil (sociedade organizada não militar) começou a fundar entidades para apoiar ou desenvolver ações para melhorar a situação da população brasileira em educação, saúde, meio ambiente, atender índios e comunidades carentes etc. Nessa época, alguns de nós, os mais velhos que fundaram formalmente o CTI em março de 1979, já fazíamos alguns trabalhos ou estudos com comunidades indígenas. Estávamos preocupados com a política indigenista e queríamos desenvolver projetos que respeitassem o sistema dos índios (e não o dos brancos) para atender as necessidades que os próprios índios falavam. Também havia muitas injustiças e ignorância sobre a situação dos povos indígenas. Por exemplo, o Governo não reconhecia o direito dos índios Guarani sobre a maioria das áreas que ocupavam, beneficiando sempre os proprietários e outros interesses.

Os primeiros projetos realizados pelo CTI, entre os anos de 1979 e 1980, foram com comunidades dos índios Krahô no Estado do Maranhão (projeto agrícola) e com os Guarani na cidade de São Paulo (educação e saúde). Hoje o CTI atua junto aos povos indígenas Timbira (nos Estados de Tocantins e Maranhão reunindo os Krahô, Krikati, Gavião, entre outros), Guarani (no litoral sul/sudeste), Kaiowa e Terena (no Mato Grosso do Sul) e, através de convênio com a Funai (CGII – Coordenação Geral dos Índios Isolados), em algumas áreas indígenas na Amazônia.

Nas décadas de 1970 e 1980, as invasões e as propriedades dos brancos na Mata Atlântica do litoral aumentavam e as cidades cresciam, pois essa região foi muito valorizada (valor de dinheiro) depois

da construção de novas estradas. Por isso, em 1980 o CTI começou a fazer projetos de apoio agrícola, plantação de árvores frutíferas e de proteção e regularização das terras dos Guarani no litoral sudeste (São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ, Espírito Santo-ES). Para realizar esses trabalhos o CTI elaborou projetos para Instituições de países da Europa (Alemanha, Holanda, Áustria e Noruega) que foram os primeiros e principais aliados. E depois, sempre que foi necessário garantir o direito dos Guarani às suas terras, procuramos atuar em conjunto com as instituições do governo responsáveis pelas questões indígenas, como Funai, Ministério Público Federal (MPF), Secretarias Estaduais etc.

Em 1980, o Projeto Guarani do CTI se concentrou no apoio às atividades agrícolas e na defesa das terras Guarani. Maria Inês Ladeira acompanhava o trabalho nas aldeias de São Paulo (Barragem, Krukutu, Mboi Mirim, Jaraguá, Rio Branco, Itariri, Rio Silveira, Boa Vista) e Lilia Valle na aldeia Boa Esperança no Espírito Santo. E as duas trabalharam nas aldeias do Rio de Janeiro (Araponga e Bracui). Lilia ficou no Projeto até 1984.

Nessa época não existiam outros projetos nessas comunidades. Então, tudo era muito conversado porque “projeto” era uma palavra nova. A palavra Projeto significava para as comunidades “chegada de dinheiro”. E como haviam muitas necessidades, alguns queriam usar a verba individualmente para pagar contas, visitar parentes, etc. Foi preciso um trabalho bem unido e participativo nas aldeias para que o sentido de projeto fosse entendido como um trabalho coletivo, de todos, e voltado para toda a comunidade. Porque a palavra

“projeto” também tem um significado de futuro e, se for bem realizado, produz frutos para sempre!

Em 1985 Marisa Ricardo começou a acompanhar o trabalho nas aldeias Araponga, Bracui, Boa Vista e, depois, na luta pela Terra Indígena de Parati Mirim. Marisa foi uma pessoa muito importante e querida nas aldeias do Rio de Janeiro. Marisa faleceu em 1996.

Também participou do Projeto Guarani do CTI a Maria Ignez Maricondi que fez levantamentos das áreas de aldeias de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina, de 1990 até 1994, e colaborou nas ações do projeto nas aldeias de Cananéia (Ilha do Cardoso e Takuari) e Guaraqueçaba (Pescada).

Por ser uma organização não-governamental, o CTI sempre depende de projetos para desenvolver seu trabalho. Assim, os projetos iam começando e acabando. Os recursos não eram muitos e o CTI ia sempre atuando nas aldeias onde a situação da terra era mais difícil. Assim podíamos estar mais perto das aldeias e os Guarani também se sentiam mais animados para agüentar as dificuldades da falta de terras e do reconhecimento dos seus direitos por parte do jurua.

O principal trabalho do CTI com o povo Guarani era conseguir o reconhecimento e a regularização das Terras Guarani, principalmente no litoral sudeste e sul. Para isso era necessário fazer levantamentos, encaminhar as demandas à Funai e participar de Identificações das Terras Indígenas. Mas conhecemos e apoiamos comunidades Guarani em várias regiões, inclusive a comunidade Guarani que vive no Estado do Pará liderada por Seu Raimundo (que já faleceu) e seu filho João Guarani.

Em 1995 as entidades da Áustria, que já apoiavam o CTI, nos incentivaram a fazer um projeto maior para os Guarani para ser apresentado à União Européia (UE). Então apresentamos o projeto chamado “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani”. O apoio financeiro e político para este Projeto veio da DKA, da KFS e H3000, do governo da Áustria e da União Européia.

A DKA / Movimento de Jovens Católicos da Áustria tem como objetivo despertar nos jovens o sentimento humanitário para um mundo mais justo. E realizam campanhas para as comunidades necessitadas de países onde existe muita pobreza, como o Brasil e outros países do mundo (na África, na Ásia, na América Latina). Na época das festas de Natal (quando os cristãos comemoram o nascimento de Jesus) corais de crianças se apresentam nas portas das casas e depois pedem e recebem dinheiro para ser doado às comunidades através de projetos. Como são muitas crianças (mais de setenta mil) e não há pobreza naquele país, eles conseguem ajudar muita gente, inclusive os Guarani.

A KFS – Escritório de Co-financiamento para a Cooperação ao Desenvolvimento tinha como função auxiliar e avaliar os pedidos de projeto ao governo Austríaco e à União Européia, se responsabilizando por todo o acompanhamento dos projetos aprovados. Em janeiro de 2001 uma nova organização foi criada, a Horizont3000 – H3000 que reuniu a KFS e seu pessoal a outras organizações, e continuou o trabalho da KFS com o Projeto Guarani do CTI.

A União Européia – UE é um bloco econômico, político e social formado por 25 países da Europa. Além de seu compromisso em promover a unidade política e econômica da Europa, a UE tem como objetivos “reduzir as desigualdades sociais e econômicas entre as regiões” e “fomentar o desenvolvimento econômico em países em fase de crescimento”. O apoio financeiro da UE foi fundamental para o Projeto.

Estas organizações reunidas fizeram um convênio com o CTI para realização do Projeto “Conservação ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani” no período de 1996 até 1999. Depois o Projeto foi renovado no período de 2000 até 2004.

Quando o projeto foi escrito por Maria Inês em 1995 a preocupação era com as aldeias da Ilha do Cardoso e Rio Branquinho, em Cananéia, e com famílias que procuravam lugares na região do Vale do Ribeira, seguindo orientação das lideranças espirituais. Também havia preocupação com as aldeias do Aguapeú (Município de Mongaguá - SP) e de Parati Mirim (RJ), que, apesar de demarcadas, continuavam a ter problemas com posseiros dentro de suas terras. Assim, o Vale do Ribeira e o litoral sul do Estado de São Paulo e o litoral do Estado do Rio de Janeiro eram regiões onde os Guarani sofriam (e ainda sofrem!) pressões e muitas coisas ainda iam acontecer.

O Projeto “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani”, como o nome diz, tinha como objetivo melhorar o ambiente e a qualidade de vida nas aldeias. Para isso estava previsto a recuperação de áreas com o plantio de árvores nativas e frutíferas, o apoio à agricultura tradicional e à criação de aves para alimento da comunidade. Também era necessário fazer levantamentos sobre as condições do solo, das águas, das plantas. Tudo isso devia ser feito respeitando os costumes e o conhecimento dos Guarani e a organização de cada aldeia. Outro objetivo era reforçar a união dos Guarani, através de encontros e mutirões. Este Projeto só poderia existir com a participação das comunidades em todas as atividades, inclusive gerenciando os recursos destinados à cada aldeia.

Neste Projeto Maria Inês (coordenadora) pedia a participação de um agrônomo para acompanhar bem de perto as atividades de plantio e aprender um pouco do sistema dos Guarani. Ricardo Russo trabalhou no ano de 1996, nas aldeias da Ilha do Cardoso, Rio Branquinho, Aguapeú, Parati Mirim e Araponga. Em 1997 Adriana Felipim passou a trabalhar no CTI, participando de todas as fases do Projeto, até 2004.

O Projeto apoiou com recursos as aldeias de Parati Mirim e Araponga (Estado do Rio de Janeiro) até o início de 1999. Nessa data, os posseiros desocuparam a área de Parati Mirim e as aldeias do Rio de Janeiro receberam ajuda de um projeto do Governo. Então, o apoio do Projeto “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani” se concentrou na aldeia do Aguapeú e nas aldeias do Vale do Ribeira. As áreas dessas aldeias não estão regularizadas e as comunidades ainda vivem várias pressões, dificuldades e mudanças. Trabalhando com continuidade até 2004, pudemos acompanhar a formação de novas aldeias e todos os movimentos que aconteceram na região do Vale do Ribeira. Assim, o Projeto procurou acompanhar e respeitar a dinâmica social e a política dos grupos familiares. E isso foi um grande aprendizado.

No período de 1996 à 2004, as comunidades Guarani que trabalharam no Projeto conheceram outras pessoas que, através do CTI, realizaram trabalhos em aldeias Guarani do litoral. São elas: Maria Bernadette, Claudia, Dafran, Fábio, Priscila, Taciana e Thiago. Hoje, o Projeto “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani” terminou, mas o CTI continua realizando ações com os Guarani e buscando novos projetos e apoios.

Todas as comunidades que participaram do Projeto trabalharam muito para melhorar o ambiente das aldeias e a vida das famílias Guarani. Houve muita dedicação nas atividades das roças, no plantio de frutas, de erva-mate, de palmito juçara, de pindo etc, na criação de aves, na construção e reforma das casas de rezas (Opy) e muito mais.

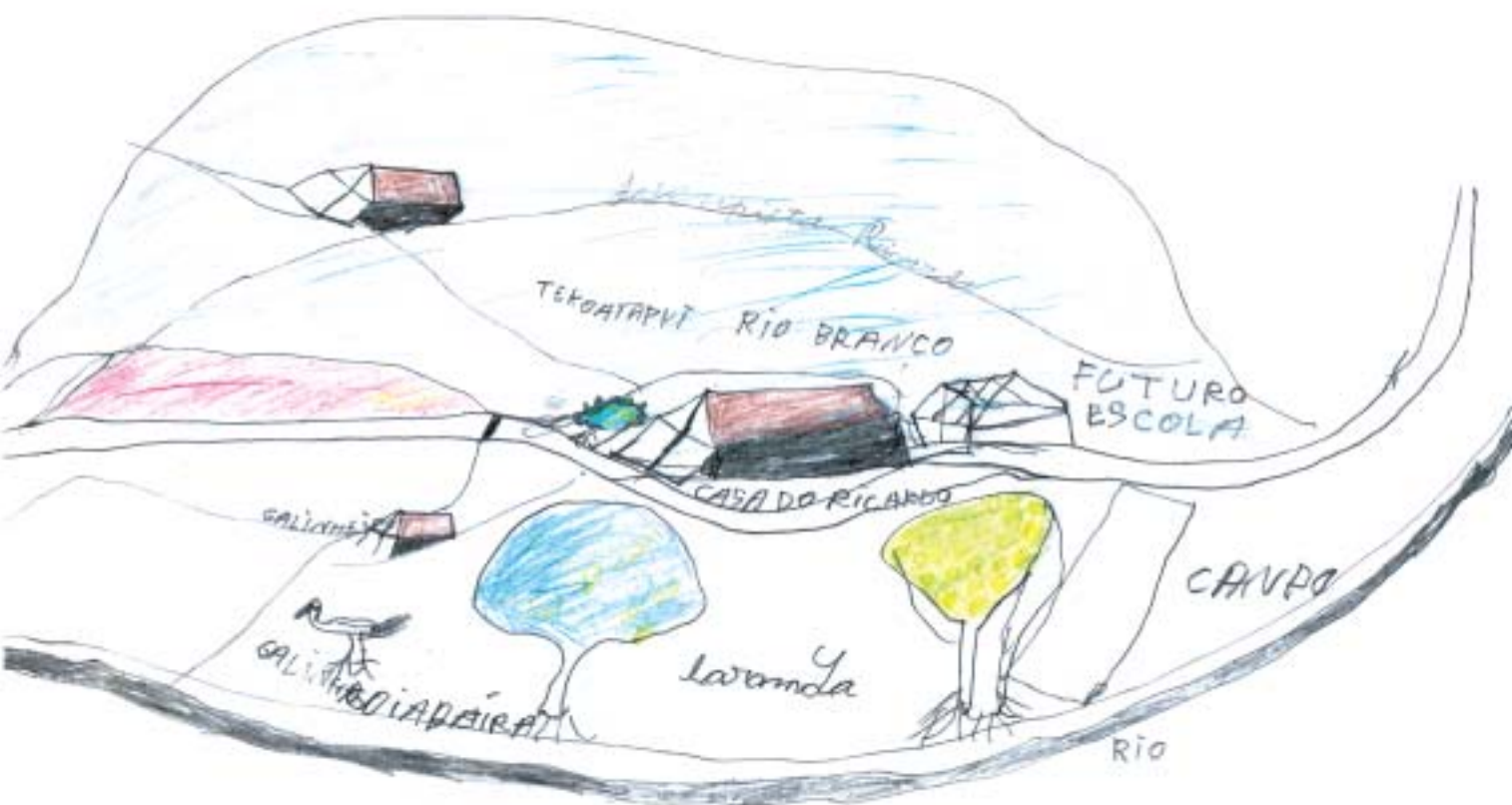
Neste livro as lideranças Guarani vão contar um pouco da experiência do Projeto “Conservação Ambiental de Terras e Subsistência do Povo Guarani”.

Porã etc !

Maria Inês e Adriana
Centro de Trabalho Indigenista



CONHECENDO UM POUCO AS **ALDEIAS** E O MODO QUE CADA COMUNIDADE TRABALHOU NO **PROJETO**



Aldeia de Araponga

BAIRRO PATRIMÔNIO, MUNICÍPIO DE PARATI (RJ)



MARIA INÊS LADERA

Alcebiádes Vera Mirim, que era conhecido também pelo nome de Alcides, foi o antigo cacique da aldeia de Araponga. Quando seu Alcebiádes faleceu em 1993, Agostinho da Silva assumiu a liderança da aldeia e até hoje continua como cacique. Em julho de 1993, a área de 213,20 hectares da aldeia de Araponga foi homologada (o Presidente da República assina um decreto reconhecendo definitivamente a Terra Indígena). A comunidade Guarani está pedindo ampliação da área.

“Na minha aldeia eu não quero ensinar as crianças a só comer a comida do branco. Isso eu não quero. Eu quero que eles aprendam a ler mas não quero que aprendam a dançar baile e a jogar bola, isso eu não quero. Então eu quero ver se a criança aprende a plantar bastante batata-doce, mandioca, ver se aprende a carpir, roçar capoeira, então isso aí que eu quero”
(Cacique Agostinho da Silva).

Aldeia de Parati Mirim/Tekoa Itatĩ

BAIRRO PARATI MIRIM, MUNICÍPIO DE PARATI (RJ)



ADRIANA FELIPIIM

Essa aldeia tem uma história muito antiga. Na década de 1950-1960 Dona Maria Carvalho Tataxí (mãe de Dona Aurora e João Carvalho) e seus familiares vieram caminhando do sul do Brasil para encontrar lugares antigos, onde viveram os antepassados. Passaram por muitas aldeias até encontrar Parati Mirim onde ficaram até 1967. Depois passaram por outros lugares até chegar, em 1976, no lugar que chamaram Aldeia Nova Boa Esperança (ES) onde estão até hoje com seus descendentes. Depois disso alguns caciques e lideranças de outras aldeias foram visitar Parati Mirim, mas outras pessoas (jurua) já usavam a área. Eles chamavam o lugar de “Pedra do Índio” e o “Morro do Índio”. Em 1990, a família de Seu Miguel Benites ficou acampada em Parati e na aldeia de Araponga, pedindo apoio para ocupar a aldeia de Parati Mirim. Em 1992 a Funai e o CTI fizeram a Identificação das aldeias do Estado do Rio de Janeiro (Parati Mirim, Araponga, Bracui) e de Aguapeú (SP). Com isso as famílias chefiadas pelo cacique Miguel Benites puderam viver na aldeia de Parati Mirim onde estão até hoje.

A área de 79,2 hectares da aldeia foi Homologada em janeiro de 1996, mas até 1999 teve problemas com posseiros que foram morar dentro da área, reivindicando maior indenização. A comunidade Guarani está pedindo ampliação dos limites demarcados para incluir as áreas que estão usando nas suas atividades tradicionais.

“Eu vou falar um pouco sobre o nosso trabalho quando nós começamos entrar aqui em Parati Mirim, que foi trabalhado eu e meu filho Roque. Foi um trabalho com muito sacrifício e um trabalho assim, perigoso, assim, dos posseiros. Mas a ajuda nossa vem de Nhanderu que ajudou bastante e não aconteceu nada. E a minha família entrou junto, entramos juntos, quatro famílias, para começar a trabalhar para levantar nossa aldeia. E, também logo que nós entramos os meus filhos já começaram a roçar um pedacinho para nós plantar, porque já tinha nosso próprio milho. Então eles fizeram esse roçadinho e começaram a descoivarar, sem queimar, de medo dos posseiros. E plantamos nosso milho. Aí foi o começo do nosso serviço. Ficamos um mês, dois meses sem casa, tinha uma lona para nós morar em baixo, logo no começo. E por aí fomos trabalhando devagarzinho, plantando algumas coisas para nós comer, com a minha família, e, logo, também, fizemos outros trabalhos para plantar frutas assim, pensando em plantar fruta. E, então, no começo nós tiramos as mudas de frutas e depois, pegamos da mata alguns pés de laranja, pé de tangerina, então, começamos a plantar aos pouquinhos. Depois, entrou uma ajuda, depois, logo, logo, entrou uma ajuda do CTI. Entrou projetos para nós, assim de plantio de frutas, por exemplo: coco, manga, mexerica, lima, limão, palmito, pupunha, açaí e coco também. Então esse foi o começo do nosso plantio. E agora essas plantas estão bonitas e estão no ponto. As frutas que a gente come já estão quase dando para a gente gastar. Mexerica, laranja bem carregada, esse ano carregou bastante, bastante. E está bonito, então por tudo isso eu fico muito alegre desse projeto que é muito importante para nós hoje em dia” (Cacique Miguel Benites).

Aldeia do Aguapeú

BAIRRO JARDIM VERA CRUZ, MUNICÍPIO DE MONGAGUÁ (SP)



MARIA INÊS LADEIRA

Os Guarani contam das famílias que há mais de cem anos moravam nessa aldeia. Em 1935, durante o Governo do Presidente Getúlio Vargas, foram fazer uma viagem de navio junto com famílias de outras aldeias. O navio parou em Porto Seguro (na Bahia) e os Guarani foram voltando para o sul e parando em alguns lugares.

Essa história foi contada pelos mais velhos - Seu José Bonifácio e Dona Maria Bertolina, e Dona Helena Papaju e Jandira (cacique da aldeia do Jaraguá) que viviam na aldeia do Aguapeú.

Quando as famílias voltaram para Aguapeú, o cacique Aníbal faleceu e as famílias ficaram vivendo na aldeia do Rio Branco de Itanhaém. Depois disso a área da aldeia do Aguapeú foi ocupada por posseiros. Em 1964, Dona Helena Papaju, que era esposa do seu Argemiro da Silva, foi morar na aldeia da Barragem em São Paulo. Ela sempre lembrava da aldeia do Aguapeú. Durante muito tempo, os Guarani que eram parentes da Papaju visitavam o lugar querendo ficar e acampavam embaixo da pedra grande perto do Rio Aguapeú. Um dia, em 1989, Seu Valdomiro juntou toda a família e conseguiu erguer de novo a aldeia. Papaju voltou a viver na aldeia do Aguapeú onde faleceu. Nessa época o CTI ajudou a reconstruir a aldeia. Hoje, o cacique da aldeia Aguapeú é Davi da Silva, filho do Seu Valdomiro.

A área de 4.372,26 hectares foi identificada em 1993 e Homologada em 1998, mas até hoje, a comunidade tem problemas com posseiros dentro da Terra Indígena.

“Nós achamos o Projeto bom porque o CTI trabalha de acordo com a vontade, de acordo com o entendimento dos próprios índios. Acho muito bom o trabalho que vem acontecendo. Nós precisamos muito desse apoio para a gente estar se mantendo. Porque antes do índio ter contato com os brancos era diferente. Os índios se mantinham sem apoio. Depois que tivemos contato, tudo mudou. Acho que sempre vai ter que ter um apoio para as aldeias continuarem se mantendo. Tem que ter um apoio para criar alguma coisa, para plantar alguma coisa para deixar para comunidade e para as crianças que vão precisar futuramente. Coisas que podem servir para eles, sem estar deixando a cultura, sem que eles percam os costumes. Então esse apoio é importante. Através desse apoio a gente está mantendo o que é nosso também.

No Aguapeú, o trabalho que a gente fez com o apoio do Projeto não vai sumir. Aquilo que a gente faz fica para todas as pessoas que moram agora na aldeia e também para aquelas que vão morar no futuro. Então eu acho que tudo que foi feito não foi em vão. Todos vão aproveitar o que a gente fez, o que a gente plantou e deixou “ (Libório da Silva).

Aldeia da Ilha Do Cardoso – Yvyty Parapaũ

ILHA DO CARDOSO, MUNICÍPIO DE CANANÉIA (SP)



ROBERTO UJESSE RESENDE



A Ilha do Cardoso é bem grande, tem 22.500 hectares, com muita mata, muita água e muitos bichos. Nesta ilha também vivem algumas famílias de pescadores, que não são indígenas, conhecidas na região como “caiçaras”.

A aldeia não está demarcada, mas durante o período do Projeto os Guarani identificaram as áreas que usam na Ilha do Cardoso. Em 1999 foi criado um Grupo de Trabalho Interinstitucional formado por representantes da Comunidade Guarani, do CTI, da Funai, do Instituto Florestal (IF) e do MPF – Ministério Público Federal. Este GTI - Grupo de Trabalho Interinstitucional realizou reuniões até o final de 2003 para acompanhar e discutir ações que envolviam a comunidade indígena e o meio ambiente.

A aldeia Yvyty Parapa7 (Ilha do Cardoso) e também as aldeias Araponga, Aguapeu, Jureia, Peguaoty - além de outras aldeias situadas no litoral de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - estão em áreas onde foram criados Parques e Estações Ecológicas.

Parque e Estação Ecológica são Unidades de Conservação Ambiental criadas pelo jurua, que não aceitam moradores, mesmo tendo populações tradicionais vivendo há muito tempo no lugar. Somente na Ilha do Cardoso foi formado o GTI (Grupo de Trabalho Interinstitucional) para conciliar a presença indígena e os interesses do Parque.

A família de Marcílio Karaí foi morar na Ilha do Cardoso no ano de 1992. Antes de ir morar na Ilha do Cardoso morava com a família na Ilha das Peças em Guaraqueçaba, Estado do Paraná. Até hoje Marcílio é cacique da aldeia.

“Aqui na Ilha, primeiramente a gente une todas as pessoas e aí vê qual é a primeira coisa que a gente precisa fazer, o que a gente precisa comprar para poder trabalhar, plantar, para poder roçar, para poder limpar qualquer plantação. A gente explica para todo mundo como é que a gente vai fazer com esse dinheiro do Projeto. Então, a comunidade tem que decidir. Se a comunidade falar assim: Vamos comprar foice. Aí tudo bem, a gente pergunta para cada um: – quem quer foice? – Com a criação de galinha é a mesma coisa” (Serginho).

Aldeia Rio Branquinho de Cananéia

BAIRRO RIO BRANCO, MUNICÍPIO DE CANANÉIA (SP)



ADRIANA FELIPIM

Foi a família de Seu Benito que primeiro morou na aldeia Rio Branquinho. Isto foi no ano de 1995. Depois do Seu Benito muitas outras famílias chegaram a morar na aldeia Rio Branquinho: a família do Seu Marcelino (que hoje mora no Rio Branco de Itanhaém), a família do Arlindo e do Seu Clemente (Seu Clemente hoje mora na Ilha do Cardoso) e, por último, a família do Seu Hermenegildo (que hoje vive na aldeia Ambá Porã – Santa Rita). O atual Cacique da aldeia Rio Branquinho é o Paulo Cavanha que é casado com a filha de Seu Hermenegildo.

“Da nossa parte, aqui na aldeia Rio Branquinho, para a gente decidir o que vai comprar com esse dinheiro que está no Projeto, a gente faz uma reunião na comunidade e a comunidade decide o que vai querer e o que vai fazer. O cacique sozinho não pode dizer o que vai comprar. Ele vai sugerir, mas a comunidade é que vai apoiar ou não. Por exemplo, aqui, o Paulo cacique diz assim: a gente vai comprar mantimento para trabalhar na melhoria da estrada. Aí a comunidade é que vai decidir. Se a comunidade disser assim: – não, agora a gente vai fazer essa compra para trabalhar na construção de mais casas – aí o cacique tem que aceitar, concordar (...).

Aqui a comunidade é pouca, mas mesmo assim, o cacique não pode resolver as coisas sozinho. Para decidir sobre a plantação, as mudas, as sementes também é assim. O cacique faz a reunião e pergunta quem vai querer plantar o que e como é que vai plantar. Aí a comunidade vai dizer: – eu vou plantar milho, 2 kg de milho eu vou plantar nessa área. – E quem vai plantar feijão? Aí o plantador do feijão diz: – eu vou plantar 1 kg ou 2 kg de feijão nessa área. O plantador é quem vai saber. Para fazer o cálculo também precisa da decisão do plantador. Por exemplo, eu sou plantador e o cacique da minha aldeia decide sozinho que vai fazer uma compra para mim de 5 kg de semente de feijão e 5k de semente de milho. Isso o cacique decide só para mim, para 1 só plantador. Aí eu falo para o Cacique: – eu não vou dar conta sozinho de plantar tudo isto, você comprou semente demais para uma só pessoa. Por isso que é importante o cacique ouvir as pessoas da comunidade, antes de decidir as coisas. Para não errar. Com as ferramentas para a plantação também é assim. O plantador é que vai ver de que ferramentas ele vai precisar e quanto vai precisar: quantas foices, facão, enxada. Para criação de galinha também é assim. Cada família vai decidir quanto de galinha vai criar. A família vai preparar galinheiro e vai ver quanto de galinha vai caber neste galinheiro e aí vai dizer para o cacique: – eu vou querer 10 galinhas. E outro vai querer só cinco. Depende do criador” (Saulo, liderança do Rio Branquinho).

Aldeia Pindoty

VILA CLEMENTINA, MUNICÍPIO DE PARIQUERA-AÇU (SP)



MARIA INÊS LADEIRA

A aldeia Pindoty foi formada no ano de 1998 por famílias que moravam na aldeia Rio Branco de Itanhaém. Lideradas por Ângelo Silveira, essas famílias ficaram acampadas muitos meses nessa região, até conseguir esse lugar. O cacique atual da aldeia é o Renato.

“Aqui na aldeia Pindoty, a gente faz um trabalho coletivo... todo mundo participa: criança, adulto. Então, para a gente trabalhar, a gente primeiro faz uma reunião com a comunidade para ver o que vai plantar a cada ano. Quando chega a época de plantação, aí a gente pergunta para cada família o que ela prefere plantar: feijão, arroz, milho do jurua... Então a gente se reúne para fazer um plano de trabalho para a semana, para ver o que primeiro a gente vai fazer.

A roça a gente faz para cada família. Porque a gente não tem plantação da comunidade. Para cada família a gente limpa um terreno, aí deixa tudo limpo e aí cada família vai plantar o que quiser plantar. Aí quando a gente colhe, aí colhe todo mundo. E a gente reparte. Por exemplo: alguém plantou mais milho, então a gente distribui. Feijão... a gente planta e distribui se deu bem a produção. Então o nosso plano de trabalho é assim. Já o milho tradicional fica com os mais velhos. Essa parte a gente só limpa a área e deixa que eles plantem avaxi etei. O milho dos brancos, do jurua, qualquer pessoa pode plantar, porque é um tipo de milho que só depende de escolher o lugar para plantar. Dependendo do lugar ele nasce bem e dá bem. Já o nosso milho tradicional é diferente. Ele depende também da pessoa que planta, depende dos mais velhos. E por que é que nós, jovens, não plantamos? Porque esse milho tradicional tem que ser plantado por uma pessoa que é bem respeitada. A pessoa tem que ter um comportamento bom. Esse milho é muito sagrado então não pode ser plantado por qualquer pessoa. Para o jovem é mais difícil. De repente a gente pode plantar e esquecer... Os mais velhos não. Eles plantam e vão duas vezes por semana ver a planta. E mesmo quando ele não vai lá no lugar, ele tem no pensamento e fica pensando para a planta nascer bem, para colher bem, para dar para todo mundo de novo. Então tem essa responsabilidade dos mais velhos. Já o milho do branco, o feijão do branco que a gente planta, todo mundo planta porque esse já é do jurua... não é nosso. Então, nesse caso o trabalho a gente faz coletivo, nesse caso, tudo em mutirão” (Cacique Renato karaí Mirim – Pindoty)

Aldeia Peguaoty

BAIRRO SAIBADELA, MUNICÍPIO DE SETE BARRAS (SP)



MARIA INÊS LADEIRA

No final do ano de 1999, Ailton e sua família (sogros e cunhados) formaram a aldeia. No ano de 2001, algumas famílias que viviam na aldeia de Bracui (RJ) chegaram no Vale do Ribeira chefiadas por Luiz Eusébio e foram morar na aldeia Peguaoty. O cacique Ailton e seus familiares deixaram Peguaoty em 2002. Luiz Euzébio ficou na aldeia e até hoje é o cacique. A aldeia Peguaoty também tem muita mata, muita água, muitos bichos e terra boa para fazer roça. Nesta área foi criado o Parque Estadual de Intervales e a Fundação Florestal, que administra o Parque, entrou com uma ação judicial contra a presença da comunidade Indígena.

“A forma de trabalho aqui na aldeia Peguaoty é assim: nós nos reunimos para falar dos recursos do Projeto e, para poder gastar, a gente conversa com a comunidade. A gente decide no que vai gastar e ao mesmo tempo decide como fazer um trabalho que daqui algum tempo vai dar resultado. Já fizemos plantação de laranja, jabuticaba, palmito. No ano de 2003 investimos mais na casa de reza porque para nós a Opy é muito importante. A força maior do Guarani é a casa de reza. Depois vem saúde, alimentação, projeto lá de fora. O Deus dá a força para nós e para as pessoas que caminham com o nosso Projeto. Então é muito importante a casa de reza. E é importante a gente se reunir. O cacique, para dar conta da comunidade, tem que se reunir. Tem que ter um dia de reunião sempre, para poder falar do que é importante, o que é que temos que fazer na aldeia, tudo isso. A criança já participa da reunião e entende, e as mulheres também...”

Projeto de verdade, para nós é isso (mostra as plantações). É ter condições de realizar o nosso próprio trabalho e poder, nós mesmos, ver o resultado na nossa aldeia mesmo. E é para todos: crianças, homens, mulheres...” (Cacique Luiz Euzébio).

Aldeia Uruity

BAIRRO MUSÁCEA, MUNICÍPIO DE MIRACATU (SP)



MARIA INÊS LADEIRA

A aldeia de Uruity foi formada pela família de Lídio no início de 2001. Antes de fundar a aldeia Uruity, a família de Lídio vivia na aldeia de Pindoty (Pariquera-Açu).

“Nosso trabalho é assim: quando nós precisamos fazer alguma coisa, por exemplo roça, aí junta toda a comunidade para trabalhar e para escolher. Tipo assim: com o milho do jurua nós fazemos uma roça para toda a comunidade mesmo. Aí saiu a roça, e a gente junta todo mundo de novo para dividir o que deu para cada família. Agora, para a planta Guarani como avaxi etei, aí cada um é que planta. Cada família já faz assim sua roça e suas comidas tradicionais: mbojapé, avaxi kuí, é assim que faz. No projeto a gente faz assim... Hoje aqui em Uruity a gente se reúne um dia, aí perguntamos o que é que cada família precisa mais. Aí anotamos tudo. A gente vai e faz reunião, aí a gente vai resolvendo” (Cacique Lídio - Miracatu).

As ROÇAS



AVATI ETEI'



AVA TIE TEI'



Mandioca

Casa do roça: OPYI'





MARIA INÊS LADEIRA

O Projeto apoiava as roças de duas maneiras:

Uma maneira era ajudar a conseguir as plantas do jurua que as famílias Guarani já se acostumaram a plantar nas roças: ramas de mandioca, mudas de cana-de-açúcar, sementes de milho, sementes de feijão, sementes de amendoim, abóbora, melancia.

Outra maneira era apoiar para que as famílias Guarani continuassem sempre cultivando suas plantas verdadeiras como: avaxi etei, jety etei, manduvi etei, mandiô etei, takuare9 avaxi, p9tã etei. Essas plantas não se pode perder.

“A gente tem agricultura bem antes de existir o branco e essa agricultura é passada para gerações e gerações. Os Guarani já tinham essa agricultura. Já sabiam como é que conservava as plantas, como é que colhia, como é que plantava e então foi o Projeto que ajudou nessa parte. Porque a gente resgatou muita semente que a gente tinha perdido e com o Projeto a gente vem mantendo isso para ter continuidade. Então foi uma ajuda para os Guarani, respeitando a tradição da plantação, da criação. A comunidade ganha muito com isso de ver hoje como é que é plantado o milho tradicional avaxi etei, o amendoim, essas coisas. Com esse Projeto a gente viu os mais velhos plantando, colhendo, fazendo batismo. Nós, mais jovens, a gente não via isso há muito tempo. É porque esse milho tradicional não é plantado como o milho do branco.

Ele é tratado, conservado num lugar certo. Não pode ficar num lugar que não tem fogo. Sempre é pendurado em cima do fogo para ter fumaça, aí conserva. Depois é levado na casa de reza para fazer batismo, que é no início da plantação e início do ano novo para nós. Então essas coisas a gente já estava esquecendo. Não é que estava esquecendo, mas modificando a agricultura nossa. Às vezes a gente pensa que essa agricultura não tem valor, que não está ajudando, mas hoje eu consigo ver em toda comunidade que é valioso. Porque tendo essa semente como o Seu Luiz falou, traz vida para as crianças, traz alegria. Para os mais velhos traz assim mais vontade de viver, de estar plantando, colhendo as sementes tradicionais” (Cacique Renato).



No mês de maio de 2004, no último ano do Projeto, 18 representantes das aldeias do Vale do Ribeira (Peguaoty, Pindo, Rio Branquinho, Uruity e Ilha do Cardoso), junto com a equipe do CTI, fizeram uma viagem para algumas aldeias no interior do Paraná e do Paraguai para trazer sementes e mudas de plantas tradicionais dos Guarani. Essa viagem foi realizada com ajuda financeira da Rainforest (quer dizer florestas tropicais) da Noruega, através da RCA – Rede de Cooperação Alternativa, que apoiava intercâmbios entre organizações indígenas.

A visita às aldeias do Paraná e Paraguai contribuiu muito com o Projeto, pois existem muitas variedades de plantas tradicionais nessas aldeias, e foi possível distribuir para as comunidades do Vale do Ribeira para plantar no mesmo ano de 2004.

**Cultivos e mudas de plantas de uso tradicional guarani,
doados aos visitantes do Vale do Ribeira:**

Takuare9 avaxi

Avaxi ju

Avaxi ju guaxu

Avaxi pytã

Avaxi ovy

Avaxi takua

Avaxi pororó 7

Avaxi pororo x5

Avaxi pororo ju

Kumanda yvyã

Kumanda tupi

Kumanda pytã

Kumanda yvyra

Manduvi guaxu pytã

Manduvi guaxu x5

Jety ju

Yakua

Yva7

Kurupay

e outras mais



Sebastião Borges, liderança da Aldeia Água Santa, acompanhou o grupo e, na sua aldeia, recebeu os convidados com as verdadeiras comidas guarani: kaaguyjy, avaxi kui ae manduvi, mbojape ete, e'i, xipa, rore, jejy, canjica. Os visitantes foram recebidos em cada Opy, encontraram parentes e conheceram muitas pessoas.

Aldeias visitadas no Paraná:

Piraquara (Karuguá), Palmeirinha, Rio das Cobras (Tapixi, Água Santa e Pinhal).

MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

Aldeias visitadas no Paraguai:

Paraíso, Manduvi y Uno, Nhu Ovy e Kaatymi.

MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

“Essa viagem, para nós foi muito importante, porque, quando a gente visitou as aldeias do Paraná, a gente viu a realidade diferente de São Paulo, que é uma região com aldeias bem antigas, uma região onde as aldeias têm muitas coisas que a gente não tem aqui. Então nós ganhamos algumas sementes, algum material que são muito importantes para os Guarani. E no Paraguai a gente viu que os Guarani são mais diferente dos que estão aqui no Brasil. A gente viu aldeia muito pequena, uma área que já é dominada por grandes plantações dos brancos (soja), e então os Guarani não tem mais espaço para plantar, para buscar a sobrevivência do recurso natural. Então, tudo isso que a gente viu (...), isso traz mais experiência para nós, para a gente pensar como estar levando essa luta de reconhecimento do nosso direito. (Renato da Silva - Aldeia Pindoty. Avaliação da viagem).

PLANTANDO **FRUTAS**, PLANTANDO **CAFÉ** E **ERVA-MATE**



MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

Plantar frutas nas aldeias é muito importante. Uma aldeia que tem bastante frutas de diferentes tipos pode ter esse alimento durante o ano todo. Com plantas como a erva-mate, o café e outras também é a mesma coisa. Se produzir todos esses tipos de plantas na aldeia a comunidade não vai precisar sair para fora para buscar essa alimentação.

Aldeia Araponga

Quase 100 mudas de frutíferas variadas foram plantadas na aldeia no ano de 1998: laranja bahia, laranja lima, laranja pêra do rio, laranja barão, limão cravo, limão siciliano, tangerina do rio, poncã, jabuticaba, gabirola, pitanga, araçá, jaca, cambuci, cambucá, jambo, jambolão, coco anão, cainito, urucum, jenipapo e abiu.

Aldeia Parati Mirim

Mais de 150 mudas de frutíferas foram plantadas no ano de 1998: laranja bahia, laranja lima, laranja pêra do rio, laranja barão, limão cravo, limão siciliano, tangerina do rio, poncã, jabuticaba, gabirola, pitanga, araçá, jaca, cambuci, cambucá, jambo, jambolão, coco anão, urucum, jenipapo, abiu, cainito.

Aldeia Aguapeú

A comunidade do Aguapeú, no ano de 1996 plantou 42 mudas de frutas: amora, araçá, cabeludinha, carambola, cajá-mirim, fruta do conde, grumixama, jaca, jambo, limão tahiti, pitanga, romã, sapoti, tangerina, poncã, uvaia.

No ano de 1999 plantou 140 mudas de frutas: tangerina, laranja, limão, jabuticaba, fruta do conde, pitanga, maracujá, jaca, guaraná. No ano de 2000 plantou 80 mudas de erva-mate e 100 mudas de frutas: laranja lima, tangerina, poncã, goiaba, jabuticaba, manga rosa, coco anão, cacau, urucum. No ano de 2003 plantou 11 mudas de frutas: jabuticaba, manga e jenipapo; 10 mudas de Pau Brasil, 20 mudas de eucalipto, 60 mudas de café e 100 mudas de erva mate.

Aldeia Ilha do Cardoso

A comunidade da Ilha do Cardoso plantou mais de 350 mudas de frutas de vários tipos: laranja pêra, laranja bahia, laranja lima, poncã, abacaxi, amora, ameixa, uva preta, guaraná e maracujá. A comunidade da Ilha do Cardoso também plantou 180 mudas de erva-mate.

“É bom ter a fruta. Muitas vezes a gente compra na cidade e isto não é bom. A gente pensou em produzir aqui na aldeia para ter mais saúde e alimento para as crianças. O café também. Todas essas plantas que a gente pode produzir aqui na aldeia dão saúde para as crianças. Comprar na cidade não é bom e é por isso que a gente pensa mais para daqui a dez ou quinze anos. As crianças vão continuar a crescer igual o pessoal de idade já cresceu, todos com muita saúde. E a gente quer continuar assim” (Francisco).

“Nessa aldeia tem tudo. Tem natureza... Mas diminuir a natureza também não é bom, não é? Esse apoio do plantio de laranja, erva-mate é bom para a criança se alimentar e para todos se alimentarem. Por isso é bom o plantio para nós” (Cacique Marcílio).

Aldeia Rio Branquinho de Cananéia

Todas as famílias que chegaram a morar na aldeia Rio Branquinho plantaram um pouco de frutas. Tem tangerina cravo, poncã, tangerina morcote, laranja seleta vermelha, laranja seleta branca, laranja pêra do rio, limão cravo, jabuticaba, pitanga, acerola, araçá, goiaba, jaca, jambo, cambuci, cambucá, gabirola, coco anão, amora, fruta-pão, carambola, cabeludinha, tamarindo, seriguela, urucum, abiu, uva preta e indaiá.

Também foi plantado na aldeia Rio Branquinho mais de 100 mudas de erva-mate.

“Aqui foi plantado mudas de laranja, nós limpamos quando chegamos. E neste terceiro ano deu para aproveitar laranja e mexerica, essas frutas” (Saulo).

Aldeia Pindoty

A comunidade de Pindoty plantou mais de 800 mudas de banana. Tem banana nanica, banana prata...

Plantou também mais de 360 mudas de frutas de vários tipos: tangerina cravo, poncã, tangerina morcote, laranja seleta vermelha, laranja seleta branca, laranja pêra do rio, limão cravo, jabuticaba, pitanga, acerola, araçá, goiaba, jaca, jambo, cambuci, cambucá, gabirola, coco anão, amora, fruta-pão, carambola, cabeludinha, tamarindo, seriguela, urucum, indaiá, abiu, abacate, urucum, pêssego. A comunidade Pindoty plantou quase 200 mudas de erva mate.

“Nós conseguimos fazer bastante plantação de árvores frutíferas e hoje já tem muitas mudas plantadas aqui... Nós começamos a abrir a roça, a primeira roça que nós abrimos quando chegamos aqui, hoje já tem dois, três pés de jabuticaba que já estão dando um pouquinho. E onde também nós plantamos goiaba, acerola, laranja... Algum pezinho está dando fruto todo ano” (Ângelo Silveira).

Aldeia Peguaoty

A comunidade de Peguaoty foi a que mais investiu em frutas. O plantio de frutas na aldeia começou no ano de 2000 e foi até 2004. Na aldeia foram plantadas pelo Projeto mais de 700 mudas de frutas. Tem ameixa, cambucá, jenipapo, jabuticaba branca, jambolão, coco anão, pitanga, laranja umbigo, poncã, laranja natal, manga, laranja lima, jabuticaba preta, cereja, gabirola, butiá, abacaxi, limão, pêssego, maracujá, abacate, banana nanica, banana prata. Também foram plantadas na aldeia mais de 60 mudas de café, 100 mudas de erva-mate e também mudas de pau-brasil

“Aqui em Peguaoty nós plantamos muita laranja, jabuticaba, mamão tem demais, fruta do conde, tem bastante pindó que a gente plantou também. Vai dar bastante daqui uns cinco ou seis anos. Vai ter bastante fruta mesmo!”

(...) Teve um dia que nós fomos escolher frutas para plantar pelo Projeto. Foi em um sítio lá na cidade de Pariquera-Açu. Eu fiquei muito contente naquele dia em que nós chegamos no sítio daquele casal de velhinhos que vendia frutas em Pariquera-Açu. Eles têm sua própria plantação e mudas, essas coisas. Eu fiquei muito contente. Assim que eu voltei de lá eu fiquei pensando nisso. A comunidade indígena aqui tem como fazer igual a eles. Ter bastantes frutíferas, mudas. Para mim foi boa a visita. A gente que foi lá visitar tem mais vontade de estar produzindo essas frutas porque a gente viu que lá deu bastante fruta. Até comi bastante fruta.

Bastante fruta gostosa. Eu conheci a fruta que chama cambucá. Se a gente tem essa plantação aqui, com certeza, todo mundo vai gostar. Porque é muito bom e é uma árvore que dá muita fruta. Tem vários tipos que a gente conheceu. Tem fruta de jambolão que eu não conhecia, jabuticaba branca... e aquela outra que eu peguei só uma muda, porque não tinha mais, que é a carambola. Então foi muito bom” (Celso).

Aldeia Uruity

Na aldeia de Uruity foram plantadas, entre os anos de 2002 e 2004, mais de cinquenta mudas de frutas: laranja lima, poncã, cambucá, jabuticaba sabará, jabuticaba caipira, jabuticaba branca, coco anão, jenipapo, jambolão e maracujá.

A comunidade de Uruity também plantou na aldeia 100 mudas de erva-mate.

Aldeia Juréia

Foram plantadas mais de 30 mudas de frutas: poncã, abacaxi, pitanga, jabuticaba, goiaba, coco anão e 20 mudas de erva-mate. Parte das mudas foram plantadas no ano de 1999 e o restante entre 2002 e 2004.

Aldeia Subaúma

No ano de 2004 as famílias que estavam morando em Subaúma plantaram 200 mudas de banana prata, banana ouro, banana nanica e 60 mudas de café.



ADRIANA FELIPI

Porque é necessário cuidar das plantas?

“Pelo projeto a gente também fez poda nas frutíferas. Eu lembro que a gente sempre vem falando sobre isso, porque nós queremos mais uma vez fazer essa poda nas árvores frutíferas. Deu melhoria nas plantas. Antes disso as formigas estavam mexendo bastante na plantação. Quando nós podamos ao mesmo tempo passamos a calda de fumo. Depois disso melhorou bastante, diminuíram as formigas, essas coisas” (Celso Aquiles – aldeia Peguaoty).

“A poda das frutas vai ajudar a desenvolver o nosso pomar que já está plantado. Aqui na aldeia Pindoty já tem muita fruta, tem goiaba, laranja, muita fruta que a gente tem que manter saudável. Porque as plantas a gente tem que cuidar e dar carinho que nem fazemos para o nosso filho. Senão ela não se desenvolve. Então fazendo assim a gente vai fazer o pomar ficar mais saudável e vai dar resultado nas frutas” (Renato – Pindoty).

PLANTANDO PINDO ETE



ADRIANA FELIPI

O pindo ete é chamado de Jerivá na língua do jurua. É costume dos Guarani plantar pindo ete nas aldeias. As comunidades do Aguapeú e de Pindoty chegaram a comprar pelo projeto algumas mudas de pindo ete já grandes. As comunidades de Parati Mirim, Rio Branquinho de Cananéia e Peguaoty escolheram plantar sementes de pindo ete para produzir mudas na própria aldeia.





ADRIANA FELIPIM

Aldeia Aguapeú: 200 mudas de pindo ete.

Aldeia Araponga: 05 mudas grande de pindo ete.

Aldeia de Parati Mirim: Com as sementes foi produzido na aldeia mais de 2.000 mudas de pindo ete. Também foi plantado 05 mudas grandes.

Aldeia Rio Branquinho: 05 kg de sementes de pindo ete.

Aldeia Pindoty: 15 mudas grandes de pindo ete

Aldeia Peguaoty: 20 kg de sementes de pindo ete

PLANTANDO JEJY



ADRIANA FELIPI

O jeje é chamado de juçara na língua do jurua. Muitos jurua, há muito tempo, vivem de cortar e vender o palmito. Hoje em dia tem pouco jeje nas matas.

Foram plantadas muitas mudas de jeje com o apoio do projeto. Quase 90.000 mudas de palmito juçara. Muitas aldeias plantaram essa planta: aldeia da Ilha do Cardoso, aldeia Peguaoty, aldeia Aguapeú, Aldeia Rio Branquinho, aldeia Pindoty, aldeia da Juréia, aldeia Uruity, aldeia Ribeirão Silveira, aldeia Renascer, aldeia de Parati Mirim, aldeia de Ubatuba, aldeia Paraíso, aldeia Piaçaguera, aldeia Capoeirão, aldeia do Bananal, aldeia do Bracui e aldeia Itaoca.

Todas as aldeias estão procurando arranjar um jeito para o jeje não acabar.

“Aqui na Juréia eu fiz assim: eu trouxe dois sacos de semente de palmito – semente que eu colhi aqui mesmo na Juréia. Aí eu joguei bem do lado do rio para poder nascer e para depois tirar as mudas e trazer para poder plantar no mato, plantar junto com cada pé de banana. Nasceu um monte. Tudo nasceu. Aqui perto de casa eu tenho muda de palmito que eu plantei que está com três meses. Tem outra muda com três dias. Eu também eu sempre jogo água nas plantas. Jogo água três vezes no dia para crescer bem. As mudas eu peguei aqui pertinho por que tinha muita muda no chão, as sementes eu peguei lá do morro.

Para você tirar muda do jeju você não precisa cortar a planta. Você tem que puxar assim... devagarinho, devagarinho, com paciência, até sair tudinho, toda a raiz. Não pode arrebentar a raiz. Se arrebentar a raiz a muda não nasce. Tem dois anos que eu estou cortando palmito mas eu também estou plantando. Eu trago a semente, jogo no mato, trago a muda. A semente demora mais para dar o palmito, já a muda é bem mais rápido. Se eu corto e não planto, o palmito vai acabar, aí a culpa é minha. Não pode parar de plantar.”
(cacique Alcides – Juréia).

“Para plantar palmito aqui em Uruity, a gente chama a comunidade toda para tratar de plantar as mudas de palmito. Contando as mudas e mais as sementes que também vieram pelo projeto eu acho que a gente plantou bem mais de 10.000 pés de palmito. Todo mundo plantou, juntamos em “puxirão” e plantamos dentro da mata com espaço de um pouco mais de meio metro, isto é, um espaço de mais ou menos um passo. A gente cortava um pedaço de pau do tamanho que servia para a muda, dava um passo grande, abria os buracos na terra e plantava. É muito bom plantar dessa muda, ela é de um tamanho mais seguro, um tamanho que a muda não morre quanto é plantada. Desse tamanho mesmo que a gente quer continuar plantando. Deu muito bem. A gente escolheu lugar na mata mesmo, onde tem morro um pouquinho, e pegou bem. É bom para nós ter mais palmito no mato, para escolher semente. Aí aproxima mais as aves, os bichos. Agora já quase não tem mais palmito em todas as aldeias. A gente tá pensando em mostrar para as crianças daí como é que o palmito vive no mato.” (cacique Lídio – Uruity).



“Já faz algum tempo nós temos pensado em diminuir a quantidade de palmito a ser tirado da mata. Uma família não pode tirar mais que uma dúzia de palmito por semana e ainda tem que plantar semente de palmito. Nós também não permitimos vender para palmiteiros e só tem direito de vender palmito a família que precisa e que mora aqui ” (Cacique Adolfo– Ribeirão Silveira).



“Na aldeia Pindoty a gente plantou bastante palmito. Não lembro do total, mas sei que foi bastante. Nesta plantação todo mundo participa. A criançada adora plantar e a gente explica para eles porque a gente planta. A gente explica que a mudinha é pequena mas que daqui há uns oito anos isto vai servir para ele. Quando a criança planta aí ela já planta com esse pensamento. Para crescer bem o palmito, a gente pegou a experiência.... porque antes, no começo, a gente plantava as mudinhas e depois de três meses, quatro meses a gente limpava...então o palmito ficava fraquinho...não recebia muita umidade...tomava muito sol. O palmito, para criar raiz demora um tempo...mesmo que ele está verdinho, para a raiz dele ainda vai faltar uma parte. Agora eu já conversei com o pessoal da aldeia para a gente não mexer nas mudinhas durante uns três anos. Deixa crescer tudo para depois limpar um pouquinho...Aí a gente já vê onde tem palmito, onde não tem...Palmito é muito bom...a gente come e ao mesmo tempo a gente alimenta a natureza” (cacique Renato – Pindoty).

Aldeia Araponga

Ano de 1998: 40 mudas de palmito

Aldeia de Parati Mirim

Ano de 2003: 3.000 mudas

Aldeia Aguapeú

Ano de 2001: 15.500 mudas

Ano de 2002: 2000 mudas

Ano de 2003: 2000 mudas

Aldeia Ilha do Cardoso

Ano de 1998: 1.000 mudas

Ano de 1999: 1500 mudas

Aldeia Rio Branquinho

Ano de 1998: 2.500 mudas

Aldeia Pindoty

Ano de 1999: 300 mudas.

Ano de 2001: 5.500 mudas.

Ano de 2002: 4.500.

Ano de 2003: 5.000 mudas

Aldeia Peguaoty

Ano de 2003: 1.000 mudas

Ano de 2004: 5000 mudas

Aldeia Bracuí

Ano de 2003: 5.000 mudas

Aldeia Uruity

Ano de 2002: 3.000 mudas e 60 kg de sementes.

Ano de 2003: 5.000 mudas.

Ano de 2004: 5.000 mudas

Aldeia Paraíso

Ano de 2003: 3.000 mudas

Aldeia Bananal

Ano de 2002: 1.000 mudas

Aldeia Piaçaguera

Ano de 2002: 1.000 mudas

Aldeia Itaoca

Ano de 2002: 1000 mudas

Aldeia Rio Branco de Itanhaém

Ano de 2002: 1.000 mudas

Aldeia Capoeirão e Rio do Azeite

Ano de 2002: 1.000 mudas

Aldeia Ribeirão Silveira

Ano de 2002: 10.000 mudas

Aldeia Renascer

Ano de 2003: 3.000 mudas

Ao todo foram plantadas, durante o Projeto, aproximadamente 90 mil mudas de palmito juçara.



O QUE FAZER PARA NÃO ACABAR COM OS RECURSOS NATURAIS DA ALDEIA



ADRIANA FELIPIIM



ADRIANA FELIPIIM



MARIA INÊS LADEIRA



MARIA INÊS LADEIRA

Os jurua costumam chamar a terra, a água, as plantas, os bichos, tudo isso, de “recursos naturais”. E o jeito com que cada pessoa lida com a terra, a água, as plantas e os bichos, os Jurua costumam chamar de “manejo”, “manejo dos recursos naturais”. Os Guarani tem seu jeito certo de lidar com todos esses recursos, para que eles nunca acabem. O projeto do CTI também foi feito para apoiar o modo como o povo Guarani sempre lidou com a terra, com a água, com as plantas e com os bichos. Na língua dos jurua se diz assim: o Projeto também foi feito para apoiar o “manejo tradicional Guarani”.

pindo ete

“Aqui em Pindoty, para não acabar os recursos na aldeia é assim: quando a gente corta uma palha de pindo ete, de jerivá, a gente evita de derrubar o jerivá inteiro. Por isso a gente sobe lá em cima do jerivá, corta só a palha e daí o resto fica produzindo de novo para depois a gente poder usar a palha outra vez. Tem que deixar umas duas ou três folhas, as folhas mais novas. Só corta as folhas mais velhas e depois, dentro de um ano, já dá para usar de novo. Aí não acaba. Quando derruba o pé todo aí sim acaba. Não se produz sozinho.” (Vilson – Aldeia Pindoty).

kapii kaaguy

“Aqui na aldeia da Ilha do Cardoso é assim. Tem um tipo de palha que nós usamos bastante para cobertura de casa que a gente chama de kapii kaaguy. Para não acabar com o kapii kaaguy a gente faz assim: as plantas que são mais pequenas, mais novinhas a gente não arranca. Deixa no lugar. Para arrancar a gente escolhe só o que é maior. Se caso a gente arrancar sem querer o kapii que é menor, aí a gente deixa ele na terra. Aí ele brota e não seca. E é por isso que nunca acaba. O kapii kaaguy cresce rápido. Alguns, se a gente esperar um ano e meio, dois anos, já dá para arrancar de novo no mesmo lugar. Já o que é mais pequeno vai demorar mais um pouco, daqui a dois anos e meio, três anos já dá para arrancar. Arranca com raiz e tudo porque a raiz que ficar, brota. A gente arranca kapii em uma parte, em uma área. Aí, deixa esse lugar que a gente arrancou e vai para outro lugar onde tem kapii bom. A gente arranca o bom. Deixa aquele lugar de novo. Se tiver bom o lugar que a gente arrancou antes, a gente volta para esse lugar. Se não tiver bom nesse lugar, vamos para outro. Por isso que é bom a gente ter uma área grande para essas coisas (João—Aldeia Ilha do Cardoso).

“No caso de palha, para fazer cobertura de casa, aqui na aldeia Pindoty tem mais kapii kaaguy, que é uma planta que dá dentro do mato. É o mesmo da aldeia da Ilha do Cardoso. Aqui também tem um pouquinho de Pindoi também, mas é muito pouco que tem e a gente nem tira. Do kapii kaaguy a gente só usa a folha mais comprida para cobrir a casa, a casa de reza e o resto. As plantas mais pequenas sempre ficam e assim vão crescendo e depois a gente tira e depois a gente deixa ficar de novo no lugar os mais pequenos e é assim, e assim não acaba” (Vilson—Aldeia Pindoty).



ADRIANA FELIPIM

“Aqui na aldeia Peguaoty tem mais kapii kaaguy para cobrir casa, Tem também pindoi, pouco mas tem, mas o melhor é este kapii kaaguy, dura mais...dá mais trabalho mas dura mais. Para sempre ter kapii kaaguy, a gente faz assim: a gente tira palha na lua minguante e também tira a folha mais adulta. As folhas mais novas a gente deixa e depois tem um tempo que essas que a gente deixou vão crescer. Aí não acaba assim de uma vez. Por exemplo, a gente vai tirar kapii num lugar e depois a gente vai tirar em outro lugar. É assim que a gente tira palha (Celso—Aldeia Peguaoty).

caixeta

MARIA INÉS LADEIRA



“A caixeta também é igual ao kapii. No primeiro lugar que nós tiramos caixeta aqui na Ilha do Cardoso já não tem mais do tipo que é melhor para fazer o bichinho. Já faz mais de um ano que a gente deixou esse lugar e passamos a tirar em outro lugar. Quando tiver caixeta boa, em bom tamanho, aí a gente volta de novo para aquele lugar. Caixeta também tem o tamanho bom para tirar. Aí depende da gente. Caixeta para nós tem de três tipos: a que é mais molinha, a que é um pouco mais dura e a que é bem dura mesmo. A caixeta mais molinha é a melhor para fazer bichinho, a mais dura a gente não corta. A caixeta também não seca. A gente corta e ela brota de novo. É igual Kapii kaaguy. Até do galho que a gente corta e cai no chão, ela brota.” (João – Aldeia da Ilha do Cardoso).

yvyra poã



ADRIANA FELIPIM

“No caso das plantas, das árvores que nós usamos para remédio, também nós não precisamos derrubar. A gente tira só uma casquinha, só uma parte do pé assim, parte da raiz...mas não tira a raiz..raspa um pouco só da raiz, uma raspinha só” (Wilson – Aldeia Pindoty).

“Para remédio a gente também só tira a casca. Às vezes tira raiz pequena mas não derruba as árvores. É assim que a gente faz” (Celso – Aldeia Peguaoty).

guembe ete e guembera



MARIA INÉS LADEIRA

“E também tem o cipó imbé que a gente tira também a parte mais comprida e mais velha do cipó. Os novos, a gente sempre deixa para trás. E tira só a casca do cipó também e essa casca volta depois de mais ou menos 6 meses..aí o cipó tá bom de novo” (Vilson – Aldeia Pindoty).

“Guembera aqui tem, e a gente usa bastante este cipó para amarrar as casas, caibros, para fazer artesanato mas aqui em Peguaoty não tem guembe ete, que a gente também come o fruto. A gente tira mais cipó adulto. O novo fica. Com o tempo, aquele que a gente tirou fica bom de novo para tirar. Ele não acaba assim. Ele vem como um ser humano, cada vez mais cresce o cipó” (Celso– Aldeia Peguaoty).

pindoi

“Pindoi também é assim como kapii kaaguy, mas Pindoi a gente tem que esperar um tempo maior para voltar no mesmo lugar e tirar de novo. Porque tem que tirar a folha, cortar e aí não tem como brotar de novo. A gente tem que esperar a semente cair no chão e nascer de novo e leva um tempinho para isso. Quando a gente corta, a gente deixa as sementes e leva tempo para nascer e crescer” (Vilson – Aldeia Pindoty).

kokue

“A terra para não cansar, ela tem que descansar. Se a terra tá cansada a gente não usa mais. Deixa crescer o mato e depois volta de novo. Quando deixa tem que procurar outro lugarzinho para plantar. Se quiser voltar depois de 1 ano ou 2 anos pode. O mesmo lugar de roça pode usar, mais ou menos, até três anos” (Vilson – Aldeia Pindoty).

“O adubo não é da nossa cultura, não é da nossa tradição. É muito difícil a gente lidar com adubo na plantação. O pessoal de fora fala que a gente tem que adubar, fazer isso, fazer aquilo, mas não adianta. Para as plantações da nossa tradição mesmo, não adianta adubar a terra. A gente já tentou e descobriu que a solução não é adubo e isso não faz parte do nosso costume. A solução é achar uma terra que dá sem adubo. Porque a terra também precisa descansar para plantação. Porque a gente é assim, planta em uma parte um ano, dois anos e depois muda para outra parte...a gente abre uma roça e planta o que a gente quer. Passa um ano, a gente abre outra roça, planta o que a gente quer de novo, depois, se a gente quiser a gente volta no primeiro lugar que a gente abriu. A terra precisa descansar para voltar a ser boa” (Saulo – Aldeia Rio Branquinho).

CRIAÇÃO DE AVES



Muitas famílias Guaraní tiveram ou aumentaram sua criação pelo projeto. Criação de pato, galinha caipira, galinha poedeira, pintinho de granja, galinha d'angola, galinha do pescoço pelado, peru, ganso. Cada família escolhia o que queria criar. Em algumas aldeias criaram porcos. Cada família tinha sua criação bem pertinho da casa.

“Aqui na aldeia Pindoty é assim: cada família escolhe a criação para as crianças. Nós adultos temos a criação na nossa casa mas toda criação é da criança. Por exemplo, alguma criança quer ter galinha ou galinha d'angola ou pato. Aí essa criação já é dela. Isso é que é diferente. Para mim eu tenho que respeitar cada família. Por exemplo, se eu fizesse as coisas só do meu pensamento seria bom, eu compraria só galinha para todo mundo, mas só que na cultura do Guaraní antigo cada criança escolhe o que ela quer criar. Porque aí quando a criança passa a ter uns três anos de idade, ela já sabe que a galinha é dela e então fica contente sabendo que é dela. Os meus filhos têm patinhos. Tudo é ligado na tradição. Nada é inventado. Se fosse inventado eu inventaria bastante coisa” (Cacique Renato – Aldeia Pindoty).

Por que é bom criar galinha?

MARIA INÊS LADEIRA



“Criar galinha é o jeito mais fácil da gente conseguir carne para os trabalhadores ou para alguém que está doente. Se a gente tem a criação da gente no pátio é mais fácil de conseguir carne. Cada casal tem que se lembrar de criar as galinhas para dar de comer para os filhos, para os grandes, para todos. Para nós agora é assim, mas antes não era assim. Antes tinha muita caça mas hoje em dia está ficando tudo difícil. Não dá mais. Tem de criar para dar de comer para os filhos e para os grandes também. Eu gostei de criar os patinhos, as galinhas. A carne de galinha é muito boa, muito saudável, coisa boa de ter. Porque as galinhas não são como essas coisas de enlatado que é muito misturado com química e que estraga a criança e os grandes” (Seu Luiz – Aldeia Pindoty).



ADRIANA FELIPIM

“Cada família tem seu jeito de lidar com a criação. Tem família que costuma ter um galo para 4 ou 5 galinhas. Tem família que costuma ter um galo para oito 8 galinhas. A família é que decide. Mas a gente tem que prestar bem atenção na hora de escolher o tipo de galinha que quer criar. Se a gente quer acabar com a formiga da roça ou do quintal a gente pode escolher a galinha d'angola ou de pescoço pelado. Se quer bastante ururupia para comer, a gente pode escolher as galinhas que os jurua chamam de poedeira. Se quer sempre aumentar a criação e garantir carne, tem que escolher galinha caipira.

(...) Meu costume é assim, se a gente tem meia dúzia de galinha, aí precisa só de um galo. Agora, se a gente tem 8, 10 galinhas, aí a gente precisa de 2 galos. Galinha de granja eu não gosto muito porque dá bastante ovo mas não choca, não é? Bom para criar mesmo são essas galinhas caipiras, dessas pretas... a caipira sim é que choca. Coisa que eu gosto é assim. Cada noite nós fechamos no galinheiro e de dia nós soltamos para a galinha por o ovo onde ela quiser (Seu Luiz – Aldeia Pindoty)”

Um caso que aconteceu na aldeia Rio Branquinho



ADRIANA FELIPIM

“Uma vez aconteceu assim... Não sei se era 60 ou 70 galinhas que vieram pelo Projeto. Chegou e a gente dividiu. Veio milho, o milho foi repartido para cada criador. Aí chegou o mês em que terminou o milho. Aí passamos para mandioca. Aí acabou a mandioca. Passamos para banana. Aí a banana já estava acabando e a gente não queria deixar presa a galinha sem dar nada para elas comerem. Só que nesse meio tempo a gente adubou a terra e no dia seguinte a gente viu que uma galinha estava morta. Só que a gente não sabia o que era. No outro dia, mais duas, e assim foi morrendo, morrendo... Aí que a gente descobriu que elas estavam comendo adubo porque não tinham outra coisa para comer” (Saulo – Aldeia Rio Branquinho).



ADRIANA FELIPIM

Criação de aves

Aldeia Araponga

No ano de 1996: 40 galinhas caipira.

No ano de 1998: mais de 20 galinhas.

Aldeia Parati Mirim

No ano de 1998: mais de 40 galinhas.

Aldeia Aguapeú

No ano de 2000: mais de 80 galinhas.

No ano de 2002: 75 galinhas caipira e 03 galinhas d'angola.

Aldeia da Ilha do Cardoso

No ano de 1998: mais de 30 galinhas caipira. No ano de 1999: 52 galinhas. No ano de 2001: 32 galinhas caipira e poedeira. No ano de 2004: 60 galinhas caipira.

Aldeia Rio Branquinho de Cananéia

No ano de 1996: 44 galinhas. No ano de 1998: mais de 30 galinhas caipira e 07 galinhas d'angola. No ano de 1999: 06 galinhas caipira. No ano de 2001: 30 pintos de granja, 140 galinhas caipira e 03 casais de porcos caipira.

Aldeia Pindoty

No ano de 1999: 43 galinhas. No ano de 2001: 48 galinhas e 10 pintos de granja. No ano de 2002: 51 galinha, 04 galinha angola, um casal de patos e um casal de porco. No ano de 2003: 06 galinhas. No ano de 2004: 20 galinhas e 11 patos.

Desde o ano de 1999 até o ano de 2004, a comunidade de Pindoty investiu pelo projeto em 40 pintinhos de granja, 13 patos, 02 porcos e mais de 170 galinha de tipo diferente.



ADRIANA FELIPIM

Aldeia Peguaoty

No ano de 2000: 35 galinhas caipira. No ano de 2001: 30 pintos de granja e 60 galinhas caipira. No ano de 2002: 03 galinhas d'angola. No ano de 2003: 04 perus e 03 gansos.

Aldeia Uruity

No ano de 2001: 08 galinhas caipira e poedeira. No ano de 2004: 15 galinhas caipira.

Aldeia Juréia

o ano de 2001: 04 galinhas poedeira. No ano de 2002: 09 galinhas caipira e raça índio e 03 patos. No ano de 2004: 05 galinhas caipira e 02 patos.

Aldeia Subaúma

No ano de 2001: 05 galinhas poedeira. No ano de 2003: 06 galinhas caipira. No ano de 2004: 18 galinhas caipira

Aaldeia Itapitangui

No ano de 2001: 06 galinhas caipira.

Nossos **PARCEIROS** NA REGIÃO



ADRIANA FELIPIM

O projeto conseguiu grandes parceiros, principalmente na região do Vale do Ribeira. As comunidades Guarani que participaram do projeto Também ajudaram muito os pequenos sítios jurua comprando suas ramas de mandioca, mudas de cana-de-açúcar, sementes de milho, sementes de feijão, sementes de arroz, mudas de frutas, galinhas, porcos, mudas de palmito, mudas de café, mudas de erva-mate, mudas de banana.

É bom a gente lembrar dos nossos parceiros:

O Viveiro da Escola Técnica de Iguape (ETE Narciso de Medeiros) produziu as mudas de palmito juçara que foram plantadas nas aldeias. As pessoas da Escola Técnica de Iguape que trabalharam na produção das mudas foram a Dona Neném e o Bituca.



DONA ORTÍLIA, FERNANDO, DONA CIDA, DONA ELIZABETH são alguns dos vários sitiante de Pariquera-Açu que criavam galinhas, peru, pato e ganso. Eles foram os principais fornecedores de aves para as comunidades.

GILSON. É motorista de táxi e produtor das mudas de jerivá, de café, de maracujá e de erva-de-Santa-Maria que foram plantadas nas aldeias. Mora em Pariquera-açu. Fez muitas viagens às aldeias e fretes com mercadorias, mudas e aves.

GILDO. É dono do sacolão de Pariquera-açu. É a pessoa que sempre arrumou as sementes de feijão preto que eram plantadas nas aldeias.

CRISTINA KRIEGLER E HARETON. Cristina trabalhava na Funai e chegou na Vale do Ribeira em 1994. Em 2000 se aposentou mas, junto com Hareton, continuou apoiando o trabalho das comunidades Guarani com o CTI.

ACIR. Mora em Pariquera-Açu e é produtor de cana-de-açúcar.

DONA JOSEFA E AFRO. Sitiante de Pariquera-açu. Produzem batata-doce, cará, mangarito. Também criam galinhas e patos.

SIRINEU. Trabalha no posto de gasolina em Pariquera-açu e também é sitiante. É quem arrumou muitas ramas de mandioca para as aldeias.

JOÃO CARDOSO. É pescador e agricultor e mora na Ilha do Cardoso em Cananéia. Muitas mudas de café que estão plantadas nas aldeias vieram da roça do Seu João.

SEU WALTER. Mora em São Paulo mas também é sitiante em Pariquera-açu. É criador de galinhas e de porco caipira.

TÔNICO E ROSÁLIA DENEVISK. Sitiante que produz muitas mudas de frutas: jaboticaba branca, jaboticaba preta, carambola, jambolão, cambucá, vacupari, cereja do mato, pitanga e várias outras. Mora em Pariquera-Açu.

Avete



SEDE

SCLN 210 bloco c sala 217/218

CEP 70862-530 Brasília DF

Fone: (61) 3347 5559 e (61) 3349 7769

cti@trabalhoindigenista.org.br

ESCRITÓRIO SÃO PAULO

Rua Aspicuelta 474 CEP 5433-011 São Paulo SP

Fone: (11) 3812 1520 e (11) 3813 3450

cti-sp@trabalhoindigenista.org.br

www.trabalhoindigenista.org.br

APOIO INSTITUCIONAL

Norad

Rainforest

Moore



HORIZONT
3000



Dka Austria
Dreikönigsaktion der Katholischen Jungschar

Cooperação Austríaca
para o Desenvolvimento